

# Correio das Artes

ANO  
LXXIV

Nº  
08



outubro

R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.

## O príncipe dos poetas

Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2023**

Primeiro paraibano a ocupar assento na Academia Brasileira de Letras, Pereira da Silva segue esquecido pelo mundo literário

Há 100 anos era publicado 'O Pó das Sandálias', seu livro mais conhecido e há 120 anos, ele estreava na literatura com 'Væ Soli'



# ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

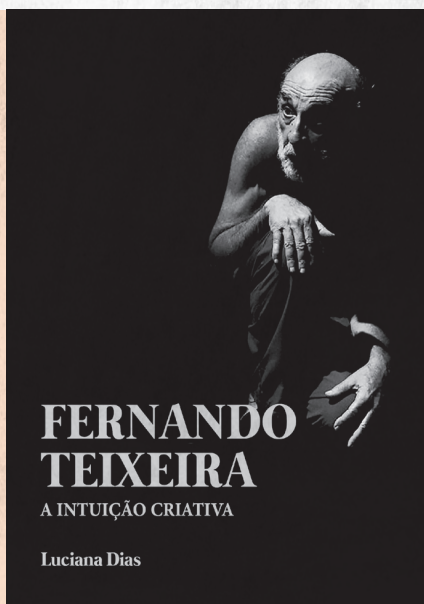
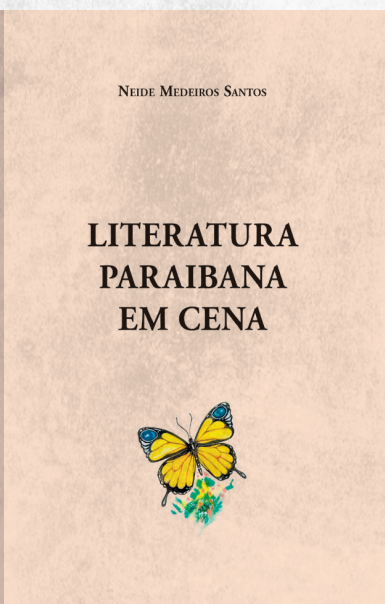


EDITORA

# A UNIÃO



@editorauniaio



## VOCÊ ENCONTRA NA



Livraria

# A UNIÃO



@livrariaauniaio

## COMPRE ONLINE



GOVERNO DA PARAÍBA



# Pereira da Silva

Há muitas efemérides, em 2023, a rondar o escritor Antônio Joaquim Pereira da Silva (1876-1944). Nascido em Araruna, o jornalista e poeta foi o primeiro paraibano a ingressar no prestigiado rol dos imortais da Academia Brasileira de Letras. Isso foi em 1933, portanto, há exatos 90 anos.

Por essa época, Pereira da Silva já tinha alguns livros. O primeiro deles, *Voe Solis* (1903), lançado há precisos 120 anos. Mas não só ele. *O Pó das Sandálias*, talvez seu título mais conhecido, foi lançado em 1923, ou seja, há 100 anos.

Portanto, o **Correio das Artes** não iria ignorar tantas datas, lembradas a este editor por dois excelentes pesquisadores e guardiões da memória artístico-cultural da Paraíba: o jornalista pessoense Samuel Amaral, autor da recém-lançada biografia *Biu Ramos: o timoneiro da Arca de Sonhos*, e o professor paulista Wellington Rafael da Silva, radicado na Paraíba, onde é membro correspondente do Instituto Paraibano de

Genealogia e Heráldica (IPGH) e responde pela Coordenação de Cultura de Araruna, terra de Pereira da Silva.

Eles dois mergulharam em arquivos e entrevistaram especialistas para compor um amplo painel, tanto sobre as obras, quanto sobre a vida (um tanto sofrida) do poeta paraibano que, entre seus feitos, teria impulsionado a carreira de um outro poeta paraibano: Augusto dos Anjos.

Pereira da Silva é um dos grandes nomes da literatura que precisa - e merece - ter seu nome em evidência. O **Correio das Artes** publicou, em sua edição de setembro de 2022, um perfil do poeta ararunense, escrito por seu conterrâneo, o juiz federal, professor e escritor Rogério Fialho, mesmo autor do texto que compõe o quarto volume da coleção *Paraíba na Literatura*, editado por A União.

Portanto, que a reportagem de capa deste mês seja o começo de uma completa reparação histórica para um pioneiro da nossa literatura.

## Índice

### 18 / em patos

Por dentro da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP), que acaba de completar cinco anos de fundação e reúne cerca de e 150 sócios e produz edições próprias.

### 21 / resenha

Livro que acaba de ser lançado no mercado brasileiro abordando a complexa relação entre a obra de Gilberto Freyre e a intelectualidade francesa é resenhada pelo historiador Bruno Gaudêncio.

### 26 / entrevista

Leia a segunda e última parte da entrevista com o poeta cubano Jesús J. Barquet, iniciada na edição de setembro de 2023 na coluna Clarisser, da professora Analice Pereira.

### 29 / livro

Escritor e magistrado, Adhailton Lacet Porto resgata a importância José Geraldo Vieira através da obra 'A Ladeira da Memória', relançamento recentemente no mercado editorial.

### 37 / rita lee

A professora e cronista Ana Adelaide Peixoto escreve sobre a cantora paulista, morta em maio deste ano, a partir das biografias que ela deixou.

### 40 / memória

A partir de um olhar sobre 'A Livreira de Paris', João Batista de Brito resgata, em sua coluna, a história Shakespeare and Company, livraria que primeiro publicou 'Ulysses', de James Joyce.



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

**Correio  
das Artes**

André Cananéia  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Domingos Sávio  
Arte da capa

Tonio  
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 - CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.



# 'Væ Soli!': os 120 anos do livro de estreia A. J. Pereira da Silva, o “príncipe dos poetas paraibanos”

Samuel Amaral  
Wellington Rafael

Especial para o *Correio das Artes*

*Væ Soli* é uma expressão latina que significa “Ai do homem solitário!”, daquele que é abandonado e esquecido por todos. Tal lamento está presente no Livro do Eclesiastes (IV, 10), cuja autoria é comumente atribuída ao Rei Salomão, há cerca de 250 anos a. C. Este versículo bíblico foi escolhido pelo poeta simbolista Antônio Joaquim Pereira da Silva para nomear o seu primeiro livro, publicado há exatos 120 anos, em 1903. A. J. Pereira da Silva, como o poeta era conhecido, nasceu em Araruna, no Curimataú paraibano, em 6 de novembro 1876, e foi o primeiro paraibano eleito para a Academia Brasileira de Letras (ABL) há 90 anos, em 23 de novembro de 1933, onde ocupou a cadeira de número 18. Ele também é o Patrono da cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras (APL).

A epígrafe de *Væ Soli!* consiste em outro trecho bíblico, desta vez extraído do Livro das Lamentações de Jeremias (I, 12): *Et videte si est dolor, sicut dolor meus* — “Vede se existe dor tão grande quanto a minha dor”.

Ironicamente, tanto o título *Væ Soli*, quanto sua epígrafe — versículos que falam sobre abandono, dor e esquecimento — parecem ter sido um triste vaticínio sobre a trajetória do próprio Pereira da Silva. Muitos de seus conterrâneos não o conhecem, embora no brasão de Araruna estejam estampadas as letras “P. S.”, em sua homenagem. Além disso, o hino da cidade também faz uma alusão ao poeta: “[...] Pelas letras és tu a primeira; Conquistando um título ideal; Majestosa feliz, sobranceira; Como Mãe do primeiro imortal”.

Um dos exemplos do apagamento da memória do poeta é que havia, em Araruna, o Ginásio Pereira da Silva, inaugurado em 1957, mas que acabou sendo desativado na década de 1970. Anos depois, em 1989, o ginásio foi demolido para dar lugar à uma agência do Banco do Brasil. Também havia a Biblioteca Pública Municipal Pereira da Silva, inaugurada na década de 1950, mas extinta em 2022.

Só restou uma pequena rua com o nome do poeta e o Centro de Cultura Pereira da Silva, ainda em construção, e cuja entrega está prevista para 2024. O esquecimento de Pereira da Silva, contudo, vai muito além dos paredões rochosos da Serra da Borborema, e se espalha por toda a Paraíba, e mesmo por todo o país.

No entanto, um conterrâneo do poeta insiste em manter viva a sua memória. O escritor, professor e pesquisador Humberto Fonsêca de Lucena é autor do livro *A. J. Pereira da Silva: Primeiro Paraibano na Academia Brasileira de Letras — Documento*, publicado há 30 anos, em 1993. Professor aposentado do Departamento de Biologia Molecular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Humberto, em princípio, não tinha muito interesse pela trajetória de Pereira da Silva. O despertar para uma biografia do poeta secundou suas pesquisas sobre a história e a memória de Araruna, o seu torrão natal. Primeiro veio a obra *Araruna: Anotações Para Sua História* (1985), e, em seguida, o livro *Memória De Uma Farmácia* (1991), sobre a singela Farmácia Confiança, de propriedade do seu pai.

Ao perceber que os ararunenses mais jovens não conheciam Pereira da Silva, Humberto foi “mordido pela mosca”, como costuma dizer. Aconselhado pelo escritor e historiador Deusdedit Leitão, ele procurou o médico Maurílio de Almeida, professor titular e fundador da Faculdade de Medicina da UFPB. Maurílio era um leitor voraz, e possuía uma biblioteca com cerca de 50 mil livros catalogados. Humberto conta que foi atendido muito bem, mas que Maurílio não permitiu que ele levasse nenhum livro. Caso quisesse consultar alguma obra, ele teria de voltar à biblioteca, que seria aberta por uma funcionária da casa. Logo Humberto constatou que Maurílio de Almeida tinha todos os livros de Pereira da Silva, com exceção daquele que marcou o início do poeta na seara literária: *Væ Soli!* E ele só conseguiria o livro muito tempo depois.



Tanto o título  
'Væ Soli', quanto  
sua epígrafe  
parecem ter sido  
um triste vaticínio  
sobre a trajetória  
do próprio  
Pereira da Silva

IMAGENS: REPRODUÇÃO



Nascido em Araruna, Antônio Joaquim Pereira da Silva estreava em livro há exatos 120 anos, em 1903; poeta foi o primeiro paraibano eleito para a Academia Brasileira de Letras, em novembro de 1933

Os poemas  
de Pereira da  
Silva são de  
uma melancolia  
dolorosa”

*Jayme de Barros, no livro  
'Poetas do Brasil'*



# A saída de Araruna, a prisão no Rio e o exílio em Curitiba

Até publicar *Væ Soli!*, Pereira da Silva enfrentou uma série de obstáculos. O primeiro deles, certamente, foi ser alfabetizado na arcaica Araruna dos fins do século 19. Segundo dados do Censo Demográfico realizado em 1950, apenas 12,6% dos habitantes da cidade sabiam ler e escrever — o pior índice de alfabetização do estado, à época. Imagine o leitor como não seria a Araruna de meio século antes, durante a infância e adolescência do poeta.

Filho de Manuel Joaquim da Silva e Maria Arcelina Pereira da Silva, seu pai era carpinteiro e fazia ataúdes, mas gostava mesmo era de fabricar violas para vender. Manuel morreu precocemente, e a única herança que deixou para o filho foi uma simples cruz de madeira, fabricada por ele. Com a morte do pai, o pequeno Antônio Joaquim mudou-se com a mãe para a casa do avô. Ali também morava seu tio, Sinézio Pereira da Cruz, mestre-escola de Araruna, com quem o menino aprendeu a ler e a escrever.

Algum tempo depois, Maria Arcelina, não suportando a solidão da viuvez, casou-se novamente e partiu para nunca mais tornar a ver o filho. Ante a ausência dos pais — a primeira dor a forjar o caráter do futuro poeta —, os livros passaram a fazer-lhe companhia, à sombra de uma majestosa laranjeira que se erguia no quintal do avô. Ele lia de tudo: de romances de capa e espada a livros de Economia, passando por jornais velhos e histórias da Carochinha. Qualquer um que dispusesse de livros na pequena Araruna, teria de emprestá-los ao menino.

Aos 8 anos, Pereira da Silva já era coroinha na então Capela de Nossa Senhora da Conceição. Foi aos pés do altar que surgiu o pendor religioso que permeia toda a sua poesia, desde *Væ Soli!*. No livro *Poetas do Brasil*, presente na vasta biblioteca de Humberto Fonseca, o autor Jayme de Barros afirma que os poemas de Pereira da Silva “são de uma melancolia dolorosa”, e que parecem ter sido escritos “na penum-

bra das igrejas, em velhas catedrais, onde não entra o sol e onde não se veem o mundo, as paisagens, a vida”.

Em 1891, quando contava 15 anos, Pereira da Silva, seus avós e seu tio Sinézio, foram forçados pela fome e pela seca a sair de Araruna e migrar para o Rio de Janeiro. Na então capital da nascente República, ele começou a trabalhar numa oficina mecânica, sendo submetido a uma extenuante jornada de 12 horas de trabalho. À noite, estudava no Liceu de Artes e Ofícios, e, pouco tempo depois, obteve um modesto emprego na Estação da Estrada de Ferro Central. Ali, ele aproveitava o tempo livre para ler, devorando a Gramática Portuguesa, *O Francês Sem Mestre*, de Jacob Bensaïat, e consumindo a poesia de Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias.

Em 1895, Pereira da Silva ingressou na Escola Militar da Praia Vermelha, sediada em prédio imponente, aos pés do Pão de Açúcar, e que representou papel importante na vida carioca e na política nacional. Ali, dava-se ênfase ao ensino das ciências e da engenharia. A quem completasse os cinco anos de curso, era concedido o diploma de bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais. Assim como Pereira da Silva, a maioria dos jovens que ingressava na Escola Militar tinha origens sociais modestas. Muitos iam em busca do título de “alferes-aluno”, que era concedido àqueles que fossem aprovados ao final dos anos iniciais do curso, e que representava um aumento substancial nos vencimentos.

A Escola Militar da Praia Vermelha foi apelidada de “Tabernáculo da Ciência” pelos alunos, pela forte influência dos ideais positivistas e evolucionistas importados da Europa, que faziam a cabeça da “mocidade militar”. Politicamente, a escola tinha se tornado um bastião da defesa dos ideais republicanos e abolicionistas. Em março de 1895, ano do ingresso de Pereira da Silva na instituição, os alunos se rebelaram pela primeira vez.



FOTO: SAMUEL AMARAL

Professor, escritor e pesquisador Humberto Fonseca dedicou um livro à história do conterrâneo A. J. Pereira da Silva, lançado há 30 anos

Dois anos depois, em maio de 1897, aconteceu um segundo motim, que, desta feita, contou com a participação de Pereira da Silva, influenciado pelo clima revolucionário que tomava conta da escola. Por essa razão, ele foi conduzido como prisioneiro para o 13º Regimento de Cavalaria, em Curitiba.

Exilado no Sul, conciliava a carreira militar com a boemia literária de Curitiba. Em seu livro, Humberto Fonseca afirma que, “graças ao convívio com escritores e poetas, Pereira da Silva encontrou ambiente propício às suas aptidões poéticas e se iniciou nas





Caricaturas de Pereira da Silva publicadas nos jornais *A Noite* (1932); *A Nação* (1935) e *O Radical* (1934)

atividades literárias". Tornou-se amigo do poeta simbolista Dario Vellozo, que o acolheu em Curitiba. Dario era conhecido por manter uma vasta biblioteca no porão de sua casa, que reunia uma coleção de grandes obras de Filosofia, Ciências e Arte, algumas delas verdadeiras raridades. Foi a Dario que Pereira da Silva dedicou *Væ Soli!*, publicado pela Imprensa Paranaense, há 120 anos

Em 1921, muito tempo depois do lançamento de *Væ Soli!*, Pereira da Silva publicou um poema em homenagem a Dario Vellozo, que foi citado por Peregrino Júnior no discurso *Vida, Tristeza e Morte de Pereira da Silva*, por ocasião de sua posse na cadeira 18 da ABL, em 1945, substituindo o próprio Pereira da Silva. No poema, Dario Vellozo é chamado de "mestre" e "amigo", que "abriu seu Lar com sua própria mão", durante o exílio de Pereira da Silva em Curitiba:

Meu caro Mestre e amigo: hoje, não sei por quê,  
Ressentido de mim – lembrei-me de você.  
Lembrei-me de Você – nobre poeta humanista,  
Cultor da Alma e do Bem como um divino artista.

Em tempos que lá vão, era quase um menino  
Já de olhar cismador e físico franzino,  
Quando um dia fatal as fúrias do meu Fado  
Me arrojaram aqui para o Sul, exilado.

[...]

Ora, um dia, chegando anônimo e sombrio  
À Terra a que Você dá tanta luz, Dario,  
Com que aberto sorriso e inédita afeição  
Você me abriu seu Lar com sua própria mão!

[...]

Certamente foi pelas mãos de Dario Vellozo que Pereira da Silva pôde publicar *Væ Soli!*, o que justifica a gratidão do poeta ao seu "mestre" e "amigo". No artigo *Curitiba, "República das Letras" (1870/1920)*, publicado na revista acadêmica *História em Reflexão*, em 2008, o historiador Antonio Marcos Myskiw afirma que Dario Vellozo atuava como editor na Imprensa Paranaense. Ele também era um dos grandes divulgadores dos ideais positivistas, com os quais Pereira da Silva tivera contato na Escola Militar da Praia Vermelha. Além disso, Dario mantinha estreitas ligações com a maçonaria na capital paranaense, o que ressaltava ainda mais sua atuação enquanto diretor e editor de jornais, revistas e livros.

Ainda de acordo com Myskiw, "textos de autores conhecidos e desconhecidos no cenário curitibano e paranaense expressando as ideias e preceitos defendidos pelo grupo ao qual Vellozo estava atrelado (como era o caso de Pereira da Silva), certamente, passavam pelo crivo do editor, que, por sua vez, exercia a censura aos textos a ele enviados ou decidia pela publicação, com ou sem alterações, supressões ou adições de capítulos".

De volta ao escritório de Humberto Fonsêca, ele mostra orgulhoso o exemplar de *Væ Soli!* conquistado a duras penas, e que nem o próprio Maurílio de Almeida dispunha. Certamente a sua biblioteca particular é uma das poucas no Brasil que conta com o livro de estreia de Pereira da Silva na Literatura. Humberto afirma que, depois de ter adquirido todas as outras obras de seu conterrâneo imortal, a lacuna deixada por *Væ Soli!* na estante se fazia sentir. O professor consultava os sebos virtuais diariamente à procura do livro. Até que, um dia, quase 30 anos depois de começar suas pesquisas sobre Pereira da Silva, ele se deparou com um exemplar de *Væ Soli!* disponível para venda — e não pensou duas vezes antes de desembolsar algumas centenas de Reais para adquirir a obra, que não hesita em compartilhar com todos quantos queiram conhecer a poética de A. J. Pereira da Silva.



# O jornalista Pereira da Silva

Antes ainda de publicar *Væ Soli!*, Pereira da Silva voltou para o Rio de Janeiro em 1898, e se matriculou na Faculdade de Direito, ao mesmo tempo em que começou a colaborar com a imprensa carioca. Segundo Peregrino Júnior, foi “logo após o retorno do Paraná que Pereira conheceu no Rio seus dias mais ásperos de luta, suas horas mais amargas de solidão [...] Estudante paupérrimo, perdido sozinho no meio da cidade imensa, ele travou o corpo a corpo com a fome”.

Ao lado de Álvaro Bomilcar e Paulsilo da Fonseca, dirigiu a *Palladium: Revista Litteraria*, vinculada à redação do jornal *O Paiz*. A revista, no entanto, teve apenas um número, que circulou em 1899, e que conseguimos recuperar no site da *Hemeroteca Digital*. O nome de Pereira da Silva aparece em destaque no *fac-símile*.

Este era um dado biográfico até então desconhecido. Em seu livro, Humberto Fonsêca afirma que o primeiro jornal no qual Pereira da Silva trabalhou foi *Cidade do Rio*, que circulou entre 1901 e 1902. Já Gilsa Andrade, doutora em Literatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e autora da tese *Pereira da Silva no Campo Literário: O Discurso das Críticas e dos Periódicos (1890-1960)*, publicada em 2015, refere-se a outra revista, também chamada *Palladium*, que circulou no Paraná entre 1900 e 1909 e, num segundo momento, entre 1910 e 1919. Gilsa afirma que se tratava de uma “folha literária, crítica e humorística de Curitiba, de publicação mensal, que tinha em seu corpo editorial redatores e colaboradores diversos, nem sequer nomeados em suas folhas de capa”.

Na verdade, a *Palladium* que circulou em Curitiba era vinculada ao Centro Estudantil Paranaense. Por isso a autora não conseguiu localizar o nome de Pereira da Silva no periódico, bem como o conto ‘Mysticismo’, de sua autoria, que segue transcrito na página 17. Decidimos reproduzir o conto tanto pelo seu ineditismo, quanto por se tratar de um gênero ao qual Pereira da Silva pouco se



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Segundo Gilsa Andrade, Pereira lamentou o fato de Augusto dos Anjos não ter sido consagrado com imortalidade pela ABL: “Quem levou o nome de Augusto dos Anjos para a roda de leitura do Rio de Janeiro foi Pereira da Silva”

dedicou, tendo priorizado a poesia.

Na seção ‘Nosso Ideal’, Pereira da Silva e os outros idealizadores da *Palladium* explicam que o objetivo principal da publicação era o de “iniciar a carreira” na seara literária:

Para muitos espíritos, pouco sensatos talvez, é tempo perdido esse nosso, em que cuidamos de letras.

E, quando pretendemos justificar nossos fins, nosso amor pelos estudos literários, elles antepoem aos nossos olhos, como justificação de suas idéas, uma infinidade de objeções, cada qual, porém, menos digna. Que lucro auferimos de versos? De que nos servem litteraturas? E mil outras semelhantes perguntas, indignas de um povo, cuja indole embora transviada pelo mercantilismo da época, é incontestavelmente poética. Esses pretensos espíritos positivos, si é que são espírito, tem

influido dest’arte para que hoje pouco se cuide, principalmente entre os moços, de tão bellos estudos. Raros são os que se dedicam, sinceramente, à cultura de nossas letras.

[...]

Publicando este periodico litterario, estamos longe das pretensões de querermos realisar esse ideal de todos os povos. Isto seria objecto de riso: comtudo, não silenciaremos o desejo, que nos alimenta, de esperar o concurso de toda a nossa mocidade, que se presa e que estuda, afim de que possamos, na medida de nossa capacidade, iniciar nossa carreira.

Eis o principal objectivo do *Palladium*.

Para consegui-lo faremos tudo, tudo que a nosso alcance estiver. Fiéis a esse programma, esperamos jamais descer à arena baixa das luctas inuteis.

[...]

Depois de dirigir a *Palladium*, Pereira da Silva colaborou com o jornal *Rua do Ouvidor*, entre 1899 e 1900. Ali, elle continuou a publicar contos, como ‘Tísica’ e ‘Espiritualismo’, além do soneto *Antônio Nobre*, dedicado ao poeta simbolista português de



Fac-símile da primeira página de ‘Palladium’, revista literária lançada em 1899 e que continha um raro conto de Pereira da Silva



mesmo nome. Em 1901, passou para o vespertino *Cidade do Rio*, fundado pelo jornalista e escritor abolicionista José do Patrocínio. Sob o pseudônimo de J. d'Além, Pereira da Silva assinou a coluna 'Corrente Calamo', uma expressão latina que significa "escrever com rapidez, sem se preocupar com o estilo". Ali, ele exercia uma espécie de crítica literária, ao discutir poesia e o estilo de alguns autores através de uma troca de cartas com seu colega, José Daltro.

Por essa mesma época, juntou-se a Saturnino Meireles, Félix Pacheco, Gonçalo Jácome, Paulo Silva Araújo, Carlos Dias Fernandes e Álvaro Sá Castro Meneses para fundar a revista *Rosa-Cruz*, que circulou entre 1901 e 1904. O objetivo da publicação era o de manter viva a memória do poeta simbolista Cruz e Sousa, logo após a sua morte. Este grupo de jovens intelectuais contrapunha-se à outra escola literária daquele período: o Parnasianismo. Enquanto os parnasianos tinham uma visão de mundo objetiva, contrária às ideias dos românticos, os simbolistas eram movidos pelo subjetivismo, pelo individualismo e pelo misticismo.

Pereira da Silva ainda trabalhou em outros órgãos de imprensa depois de sua segunda passagem pelo Paraná, sobre a qual nos deteremos no tópico seguinte. Ele colaborou com jornais como a *Gazeta de Notícias*, *A Época*, *Jornal do Commercio*, *A Noite*, *Autores e Livros* e a revista paraibana *Era Nova*. Além de escrever editoriais e reportagens, exerceu a função de crítico literário, analisando as obras de seus contemporâneos. Nesses periódicos, ele ocupou postos "mais ou menos obscuros", nas palavras de Peregrino Júnior. Entretanto, anos mais tarde, em 1921, foi convidado por Paulo Barreto, o célebre cronista João do Rio, para exercer a importante função de chefe de redação do matutino *A Pátria*. No ano seguinte, em 1922, foi chamado pelo editor Leite Ribeiro para dirigir a revista *O Mundo Literário*, ao lado de Théó Filho e Agripino Grieco. A revista alcançou certo prestígio e influência no Rio, naquela época.

## O casamento, a carreira jurídica e o retorno ao Paraná

Através de Alfredo de Sarandy Raposo, seu companheiro na Escola Militar e na Faculdade de Direito, Pereira da Silva conheceu o escritor paranaense Rocha Pombo, que havia migrado para o Rio de Janeiro em 1897, onde também se integrou à geração dos simbolistas. Influenciado por esta corrente literária, Rocha Pombo publicou o livro *O Hospício*, em 1905, mesmo ano em que lançou o primeiro volume da obra *História do Brasil*, que o projetou nacionalmente.

Mesmo com seu temperamento tímido, taciturno, pouco afeito a conversas, Pereira da Silva engatou um romance com uma das filhas de Rocha Pombo. As escassas biografias do poeta chamavam-na de Eulina, cujo apelido era Lili. Mas o artigo 'O Esquecido Poeta Pereira da Silva', de autoria do desembargador federal Rogério Fialho, publicado no *Correio das Artes* de setembro de 2022, corrigiu o equívoco. Fialho recorreu ao *site FamilySearch*, uma organização de pesquisa genealógica mantida pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, para mapear a linhagem de Pereira da Silva. Ali consta a certidão de casamento do poeta com Lili, cujo nome verdadeiro era Maria Carmelita da Rocha Pombo. Eles se casaram em 20 de setembro de 1906 e tiveram um filho, Hélio Pombo Pereira da Silva, nascido em 4 de setembro de 1907, em São José dos Pinhais (PR). Segundo Humberto Fonsêca, "este casamento seria mais tarde o infortúnio do poeta", como veremos na página [...].

Por recomendação do sogro, Pereira da Silva, então recém-formado em Direito, voltou para o Paraná onde assumiu o cargo de Promotor Público da Comarca de São José dos Pinhais, em 1906. Depois, foi transferido para a pequena cidade de Palmeira, no mesmo estado. Ali, aproveitou as horas de ócio que lhe sobravam para ler e reler um compêndio de alemão-sem-mestre. Em pouco tempo, o poeta dominou os fundamentos da língua alemã, e, para exercitar-se, passou a enviar notas anônimas para o semanário *Der Beobachter*, de Curitiba.

Pereira da Silva chegou a se candidatar ao cargo de Juiz de Direito da Comarca de

Imbituva, no Paraná, mas terminou em segundo lugar. "Preterido pela política estadual", nas palavras de Peregrino Júnior, e desiludido com a carreira jurídica, ele pediu exoneração do cargo de promotor e retornou para o Rio de Janeiro, por volta do ano de 1911. Para se manter, conseguiu um modesto emprego como escrevente na Central do Brasil, e voltou a colaborar com a imprensa, vivendo em situação de penúria financeira. Pereira, Carmelita e o pequeno Hélio passaram a viver no bairro Boca do Mato, no subúrbio carioca, que, por conta de seu clima ameno, era conhecido como "Europa dos pobres" ou "Suíça suburbana".

Assim Peregrino Júnior se referiu à rotina do poeta naqueles anos:

O "rapaz de jornal", ganhando ordenados ridículos, e recebendo essa triste remuneração em vales imprecisos e difíceis, vivia num regime permanente de subfome crônica, alimentando-se de literatura e "mídia" com pão com manteiga... Em compensação, os "rapazes de jornal", como Pereira da Silva, que eram "provincianos, românticos e um pouco espantados", tinham no meio dessa dura miséria compensações literárias do convívio das rodas boêmias, que as grandes figuras da época frequentavam com fraterna assiduidade... Pereira da Silva, ainda que esquivo e taciturno, gostava dessas rodas – e tinha meia dúzia de amigos constantes e fidelíssimos: Félix Pacheco, Castro Meneses, Gonçalo Jácome, Carlos D. Fernandes, Saturnino Meirelles. Das longas noites de plantão, nas redações trepidantes e boêmias, saía Pereira exausto mas contente, embora nem sempre bem alimentado... E após as conversas literárias dos cafés, caminhava ele horas perdidas, no silêncio das velhas noites cariocas, compondo sob a complacência das estrelas os seus belos e melancólicos poemas, sombrios e desenganados, mas sinceros como gemidos...



# As obras, as dores e os amores do “poeta da tristeza”

O segundo livro de Pereira da Silva, *Solitudes*, só veio à lume em 1918 — 15 anos depois de *Væ Soli!*. Na edição de número 9 da *Revista Brasileira*, publicada pela ABL em abril de 1944, o poeta simbolista Tasso da Silveira conta que, durante esse intervalo de uma década e meia entre um livro e outro, Pereira da Silva foi dominado pela tristeza e “pelo amargor de viver ignorado”; mais ainda, pelo “pelo amargor de duvidar de sua própria capacidade de criação original”. *Væ Soli!* não tinha dado ao poeta a “serena certeza de seu poder criador”. Tanto é assim, que os poemas que compôs depois de seu livro de estreia foram gerados na desesperança do reconhecimento que tanto almejava:

“Senhor, meus Deus! não move minha pena,  
Vós o sabeis, o impulso da vaidade  
A glória deste mundo é bem pequena  
E não nasci para a imortalidade...”

Na biografia do poeta, Humberto Fonsêca conta que, ao terminar o curso de Direito, Pereira da Silva já havia concluído a escrita de um novo livro de poesias, que só faltava ser editado. Foi quando chegou sua nomeação para o cargo de promotor em São José dos Pinhais, em 1906. Não querendo retardar a publicação, resolveu confiar os originais do livro ao já consagrado Euclides da Cunha, a fim de que ele escrevesse o prefácio. Pereira imaginava que, com a assinatura de Euclides, seria mais fácil editar o livro. Mas o inesperado aconteceu. Depois de alguns meses, chegou-lhe a notícia do assassinato do autor de *Os Sertões*.

À distância, morando nos confins do Paraná, Pereira mobilizou seu sogro, Rocha Pombo, para que conseguisse localizar os originais do livro, dos quais não possuía cópia, temendo que fossem extraviados na “Tragédia da Piedade”. Tudo em vão. Não se sabe que livro terá sido esse,

se *Solitudes*, ou se algum outro. Os amigos de Pereira não tiveram mais notícias do paradeiro da obra.

Apesar de todos esses percalços, *Solitudes* foi muito bem recebido pela crítica especializada, e Pereira da Silva conheceu “a alegria da glória”, nas palavras de Tasso da Silveira: “de um dia para outro, Pereira da Silva era colocado na primeira plana dos nossos maiores poetas vivos”.

O sucesso de *Solitudes*, contudo, chegou muito tarde para modificá-lo a visão da vida. Apesar de sua consagração como poeta, Pereira da Silva era um homem amargurado por conta de uma série de infortúnios vividos em seu casamento com Carmelita.

Tasso da Silveira escreveu que

“uma análise intencionalmente mais demorada encontraria (na poesia de Pereira da Silva) o desengano mais lancinante que possa ferir o coração de um homem: o desengano do amor [...] Por toda a obra de Pereira da Silva ressoa a mágoa desse desengano, como perpétuo refrão em sub-tema”.

O acadêmico Humberto de Campos relatou com riqueza de detalhes a desventura amorosa de Pereira da Silva em seu *Diário Secreto*, que ficou guardado nos cofres da ABL por 15 anos após seu falecimento, em 5 de dezembro de 1934. Terminado este período, foi publicado em fascículos semanais na revista *O Cruzeiro*, e transformado em livro em 1954. A publicação causou escândalo em razão de diversos registros e impressões pessoais a respeito de pessoas de grande notoriedade nas letras, na política e na sociedade da época, como Machado de Assis, Getúlio Vargas, Olavo Bilac, entre outros. E Pereira da Silva não foi poupado.

Por se tratar de uma escrita eminentemente pessoal, a autenticidade dos fatos narrados é duvidosa. Muitos detalhes esbarram na total ausência de verossimilhança. O que se pode afirmar com algum grau de certeza é que Carmelita teria deixado Pereira para se casar com um caixeiro do bairro de Boca de Mato. Semanas depois da separação, Carmelita e o caixeiro estavam de casamento marcado na Igreja Presbiteriana, com convites assinados pelo próprio Rocha Pombo.

Humberto de Campos narrou o caso em seu diário no dia 30 de julho de 1933. Ele reproduziu um diálogo com o também acadêmico Aldemar Tavares, que foi o advogado que tratou da ação de desquite de Pereira e Carmelita. Aldemar conta que Pereira ficou desolado com a separação, e que queria perdoar a esposa. Amava-a ainda, e considerava-a uma infeliz, que precisava do seu apoio.

Segundo o *FamilySearch*, Carmelita faleceu em 29 de janeiro de 1929. Em seu leito de morte, mandou chamar Pereira. Ele foi, perdoou-a, assistiu-lhe à morte e custeou o enterro com suas parcas economias.

No ano seguinte, o poeta casou-se com Antônia dos Santos Carneiro, nascida em 1897, sendo, portanto, 21 anos mais jovem. Os dois se conheceram pelos idos de 1927 nos arredores da rua Paulo de Frontin, no bairro Rio Comprido, onde o Pereira morava: “Chegando-lhe ao coração pelo caminho da inteligência, primeiro ama e conhece a obra, para depois conhecer e amar o poeta”, escreveu Peregrino Júnior. No entanto, a desilusão do poeta era tal que ele duvidava da própria felicidade. Segundo Peregrino Júnior, Pereira costumava dizer à Antônia: “Você gosta dos meus livros, não de mim...”

Apesar disso, com o carinho da esposa e a companhia do filho, Pereira da Silva pôde reconstruir seu novo lar. Segundo o *FamilySearch*, Hélio se casou com Cacilda Nogueira Pinto, em 14 de novembro de 1935. Juntos, tiveram três filhos: Júlio César Pereira da Silva, que morreu com apenas 1 ano de idade (1937-1938), Paulo Sérgio Pereira da Silva (1938-2000) e Jorge Pereira (1951) — único neto vivo do poeta, e que seguiu os passos do avô no jornalismo, trabalhando na *Super Rádio Tupi*, do Rio de Janeiro. No rádio, Jorge começou escrevendo radionovelas, e hoje produz esquetes cômicas para o podcast *Patrulha da Cidade*.



## Outras publicações

A poesia de Pereira da Silva está permeada pelas desilusões amorosas que ele viveu. Depois da consagração com *Solitudes*, os três livros seguintes, “constituem perfeita gradação de intensidade, partindo da quase euforia dos primeiros instantes de vitória para um retorno cada vez mais agoniado à profunda tristeza”, nas palavras de Tasso da Silveira. O primeiro deles foi *Beatitudes* (1919), seguido por *Holocausto* (1921) e *O Pó das Sandálias* (1923), publicado há 100 anos, acompanhado por um estudo de João do Rio. Alguns anos depois, Pereira lançou *Senhora da Melancolia* (1928) e *Alta Noite* (1940) — o único que publicou como ocupante da cadeira 18 da ABL. Nenhuma dessas obras logrou ter outras edições, o que explica, em parte, o esquecimento do poeta.

Pereira da Silva escreveu outros quatro livros, que permaneceram inéditos: *Intranquilidade*, *Meus Irmãos*, *Os Poetas*, *Os Milagres de Cristo* e *Os Homens de Deus*. Os títulos estão presentes no verso de *Alta Noite*. Os livros póstumos de Pereira não chegaram a ser publicados porque Hélio era tímido como o pai, e, assim, não teve a iniciativa de lançá-los. Até hoje não se sabe o paradeiro dessas obras.

Tanto a *Antologia da Academia: Cadeira 18* (1999), organizada pelo acadêmico Arnaldo Niskier, quanto o próprio *site* da ABL, atribuem a autoria do livro *Poemas Amazônicos* a Pereira da Silva. Na verdade, fez-se uma confusão com um poeta homônimo. Este nasceu no Rio Grande do Norte em 1892, e, em 1911, partiu para Manaus (AM), onde publicou *Poemas Amazônicos* (1927), considerado o primeiro livro de inspiração Modernista no Amazonas. Esta obra desprendia-se, portanto, das estruturas muito comuns ao Parnasianismo e ao Simbolismo, escola à qual o nosso Pereira da Silva se filiava. Trata-se de mais um exemplo do desconhecimento da vida e obra do poeta por parte da própria Academia.

# Os 90 anos da eleição para ABL e o racismo de Celso Vieira

A revista *O Cruzeiro* de novembro de 1951 revelou um novo trecho do *Diário Secreto* de Humberto de Campos. No sábado, 1º de abril de 1933, Campos relatou que recebeu a visita do poeta Leão de Vasconcelos, descrito por ele como “o moço mais inocente do Brasil”. Leão queria candidatar-se à vaga de Santos Dumont, mas Campos “abriu o jogo” sobre os meandros das eleições na Academia:

— Olhe, não se iluda com estas coisas. Na Academia nenhum de nós conta senão com o próprio voto. E êsse [sic.] voto nem sempre nós damos a quem tem mais talento, ou a quem elogiamos aqui fora. Prevalecem lá dentro numerosos fatores [sic.] de ordem econômica, política e social, que nada têm com a literatura. Hoje, é difícil entrar na Academia na primeira arrancada. Nem o Ministro da Educação [Francisco Campos] conseguiu isso. E será impossível uma excessão [sic.]. Rocha Pombo, agora eleito por um movimento de piedade coletiva, bateu cinco ou seis vezes [sic.] à porta da Academia. Pereira da Silva, que vai entrar na vaga de Luís Carlos em homenagem à memória de Luís Carlos, foi candidato oito ou dez vezes. E Celso Vieira não entrará agora, nem o seu competidor, quem quer que ele seja. Apresente-se, mas não conte com a vitória. Peça votos para um determinado escrutínio, para fixar votação em um deles. Comece a sua preparação para entrar em 1935 ou 1936.

Humberto de Campos, na verdade, foi hiperbólico. Pereira da Silva foi rejeitado pelos imortais por três vezes, antes de finalmente ser eleito para a vaga deixada pelo poeta Luís Carlos da Fonseca. A primeira tentativa foi em 1919, na vaga de Olavo Bilac, para a qual foi eleito Amadeu Amaral. Pereira voltou a bater às portas da imortalidade em 1927, na vaga de Osório Duque Estrada, que ficou com Roquette Pinto. A terceira tentativa se deu em 1931, com a morte de Silva Ramos, e mais uma vez Pereira foi preterido pela Academia, em detrimento de Alcântara Machado. Por todas essas tentativas, vemos que o temperamento tímido do poeta não o impediu de buscar os louros da imortalidade acadêmica, única vaidade da qual foi tomado em vida.

Como Humberto de Campos escreveu, Pereira da Silva entrou na ABL “em homenagem à memória de Luís Carlos”. De fato, o escritor sempre votou em Pereira nas disputas anteriores, e, em seu leito de morte, havia reafirmado o desejo de ver o poeta como membro da ABL. Luís Carlos era engenheiro civil e chegou a chefiar a Central do Brasil, onde Pereira trabalhou como escrevente. Foi aí que começou a amizade entre os dois. Em seu discurso, Peregrino Júnior, que trabalhou com ambos na Central do Brasil, lembrou que Pereira era protegido de Luís Carlos:

Pereira da Silva, que contava bons amigos, e era um poeta de renome nacional, repetindo o destino de Cruz e Souza, lançara âncoras finalmente numa burocracia medíocre, mas tranquila, na Central do Brasil, onde a amizade e a admiração de Luís Carlos o amparavam com seu prestígio oficial, o que lhe permitia viver com mais conforto, embora com modéstia e discrição.



Pereira da Silva foi eleito em 23 de novembro de 1933, como quinto ocupante da cadeira 18, cujo patrono é João Francisco Lisboa. Ele foi escolhido já no primeiro escrutínio, derrotando o poeta Álvaro de Alencastro, por 28 votos a 1.

No ensaio 'Sob o Signo de Saturno: A Poesia de Pereira da Silva', presente no livro *Papéis de Poesia: Drummond & Mais* (2014), o professor, poeta e crítico literário Antônio Carlos Secchin afirma que Pereira da Silva foi "um dos primeiros poetas de filiação simbolista a envergar o fardão antes restrito (no que toca à poesia) à plêiade parnasiana".

Mas a situação financeira de Pereira da Silva era tão crítica que o advogado Alcides Carneiro remeteu um telegrama para o então Interventor Federal da Paraíba, Gratuliano de Brito, pedindo que o estado natal do novo imortal custeasse o tradicional fardão dos acadêmicos: "Nosso conterrâneo, Pereira da Silva, eleito para a Academia, precisa de fardão e não tem tostão. Pedimos a ajuda da Paraíba, lembrando que ela ainda deve ao poeta o enxoval do batizado".

Assim, Gratuliano de Brito fez publicar o decreto de número 548, de 30 de julho de 1934, que abriu crédito especial de seis contos e 500 mil réis, para a pagar o fardão de Pereira da Silva, ante sua situação financeira "das mais modestas".

Para homenagear o novo imortal, a bancada da Paraíba na Assembleia Nacional Constituinte promoveu uma grande festa na sede da Associação Brasileira de Imprensa, em 25 de junho de 1934. O ex-presidente da Paraíba, Castro Pinto, fez um panegírico a Pereira. Em seu livro, Humberto Fonsêca reproduziu um trecho do discurso proferido pelo homenageado, naquela noite:

Compreendeis a minha emoção. Que palavras íntimas poderia eu invocar para exprimir, como desejaria, o meu reconhecimento ao Governo da Paraíba, na pessoa do interventor Gratuliano de Brito, e à sua bancada, por este ato de generosidade e de estímulo da minha terra e da minha gente?

É a primeira vez, na vida, que se me depara a alegria, é bela e radiosa demais para

os meus olhos deslumbrados e para minha alma surpresa. Até hoje afigurava-se-me que a alegria era uma ilusão dos que se diziam felizes, ou para reconfortar os outros ou para simular uma fortitude que, cedo ou tarde, mal resistiria aos em-

bates do Destino. Não tendo nunca encontrado essa Deusa desconhecida, através de todas as vicissitudes da existência, descri da sinceridade de seus adoradores, e hoje que ela vem ao meu encontro tão dadivosamente, é fácil avaliar o meu



FOTO: REPRODUÇÃO

Aldemar Pereira tratou da ação de desquite entre o poeta paraibano e Carmelita: para o advogado, Pereira ficou desolado com a separação, e que queria perdoar a esposa



FOTO: ABL/DIVULGAÇÃO

Secchin: "Pereira da Silva foi um dos primeiros poetas de filiação simbolista a envergar o fardão, antes restrito à plêiade parnasiana"



**A situação financeira de Pereira da Silva era tão crítica que Alcides Carneiro pediu a Gratuliano de Brito que o estado natal do novo imortal (da ABL) custeasse o tradicional fardão dos acadêmicos**

espanto e toda a perplexidade de minha voz. O júbilo com que recebo esta dádiva tão eloquente, é daqueles para os quais não há forma verbal possível. Deus sabe quanto vos sou grato pela oferta que acabais de me fazer. As coisas valem, principalmente, pelo que significam e este fardão simbólico é tão sagrado para mim como as vestes litúrgicas de que se paramenta o presbítero para a sua primeira oblação.

Pereira da Silva tomou posse na ABL em 26 de junho de 1934, e foi recepcionado pelo acadêmico Ademar Tavares — o interlocutor de Humberto de Campos em seu diário.

No dia seguinte à posse, Campos registrou as impressões de Fernando Néri, diretor da Secretaria da Academia, sobre a cerimônia:

— Estêve [sic.] boa. — diz. — Gente pobre, de subúrbio, pessoal da Estrada de Ferro, mas em boa quantidade. Houve apenas uma nota desagradável, com a idéia [sic.] do Cláudio [de Sousa].

— Que idéia foi essa? O Cláudio já tem idéias?

— Já. Mas tristes... Imagine você que, em uma reunião festiva, o Cláudio lembrou-se de mandar colocar na primeira fila as seis cadeiras dos seis acadêmicos mortos, e por no alto de cada uma, caindo pelo espaldar um largo e pesado laço de crepe.. Ademar, que devia receber o Pereira, escreveu anteontem uma carta ao Cláudio, pedindo-lhe que retirasse aquele sinal de luto, que dava um tom de tristeza a uma noite de alegria... E não obteve nada! Lá estavam, à noite, os laços de crepe, enlutando a festa do Pereira!

Fernando Néri conta-me isso pelo telefone, e eu me fico a pensar:

— Mas, a culpa será do Cláudio? Não será a Fatalidade, que tomou à sua conta cercar de tristeza tudo que se refere à vida de Pereira da Silva?

Como se não bastasse o preconceito de classe de Fernando Néri, que fez menção à “gente pobre”, “de subúrbio” e ao “pessoal da Estrada de Ferro” que esteve presente na cerimônia, Pereira da Silva também foi vítima de racismo por parte de Celso Vieira, que sequer tinha assumido a vaga na ABL.

No dia 21 de julho de 1934, menos

de um mês depois da posse de Pereira, Humberto de Campos recebeu a visita de Celso, que fora acertar os detalhes de sua posse na cadeira 38, para a qual havia sido eleito no dia anterior, na sucessão de Santos Dumont. Celso queria que Campos fizesse o discurso de recepção, mas este disse que não poderia, porque estava impossibilitado de ler, e sugeriu o nome de outros acadêmicos. Celso, então, começou a externar suas preocupações com os rumos da Academia, da qual era “o filho mais novo”:

— Nós devemos cuidar, meu caro Humberto, — diz-me, — de dar a impressão de que a Academia é um instituto representativo de um país dominado pela raça branca. E ela está ameaçada pelos homens de côr.

Humberto de Campos conta que seu pensamento se voltou para Teodoro Sampaio, que se consagrou como um dos grandes pensadores brasileiros, mas que nunca chegou a ocupar um assento na ABL. Campos defendeu-o, dizendo tratar-se de um intelectual que honraria a Academia, caso fosse eleito: “É o maior representante da raça negra, na hora presente, em todo o mundo”, teria declarado. Diante da defesa de Campos, Celso Vieira explicou-se:

— Não, eu não quero referir-me ao Teodoro [...] Teodoro é um erudito. Eu falo é dos poetas mulatos e desleixados, como o Pereira da Silva. É um grande poeta? Não é. E nem ao menos procura impor-se pela compostura das roupas e das maneiras. Contou-me o Ademar [Tavares] que, outro dia, querendo levá-lo em sua companhia, no Fórum, no elevador destinado aos Magistrados e aos Advogados, o cabineiro não consentiu, tal era o seu aspecto. E agora, fala-se no Ribeiro Couto, com aquela cabeça de prêto que corta o cabelo rente para disfarçar.

— O Ribeiro Couto não é mais candidato, — desculpo. — E o Pereira entra por testamento. É o herdeiro do Luis Carlos.

— Ah, mas não está certo! Precisamos reagir contra o sentimentalismo nas escolhas. Eu, na Academia, bater-me-ei sempre pelos homens de cultura [...].



# Pereira da Silva e Augusto dos Anjos

Em 1912, Pereira da Silva atuou como crítico literário no prestigioso jornal *Gazeta de Notícias*. No dia 7 de agosto daquele ano, ele publicou o artigo *A Poesia e a Poética do Sr. Augusto dos Anjos*, no qual se debruçou sobre o livro *Eu*, então recém-lançado.

Pereira da Silva iniciou o texto dizendo estar correspondendo à gentileza de Augusto dos Anjos, que lembrou de seu “humilde nome”, e ofereceu-lhe um exemplar de *Eu*. A seguir, reproduzimos um trecho da coluna, transcrita na tese da professora Gilsa Andrade:

A sua poética! É ela sem dúvida muito pessoal. Chega a ser mesmo extravagante, esquisita, esdrúxula. É nessas qualidades excessivas, classificadas por outros defeitos, que se encontra, no entanto, a profunda sinceridade do poeta complexo que é o Sr. Augusto dos Anjos. É impossível acompanhá-lo nas suas cogitações, nas suas dúvidas, em todo o desespero incontido em suas estrofes, por vezes antes de filósofo do que poeta, sem sentir para logo o que muito há, nesse poeta, de intensa angústia inédita e incontida, — resultante lógica de uma concepção filosófica um tanto pessimista.

Augusto dos Anjos morreu dois anos depois, em 12 de novembro de 1914. Pelos idos de 1922, em carta dirigida a Guimarães Sobrinho, redator da revista *Era Nova*, Pereira lamentou o fato de Augusto não ter sido consagrado com imortalidade pela ABL, conforme consta na tese de Gilsa Andrade:

A Paraíba oferece tal coeficiente propulsar da história cultural brasileira que eu não poderia aspirar maior honra do que a de ver meu nome ao par de tantos outros ilustres nas artes e nas letras. Apesar de não ter, até hoje, um só filho seu na Academia de Letras, estou certo de que a posteridade nunca deixou de reparar as injustiças e assim procederá com os poetas e escritores da nossa terra. A um deles, Augusto dos Anjos, (que nome augural!) já a morte, embora prematura, atraiu os louros de uma glória imperecedoura.

Outro escritor ao qual Pereira da Silva deu destaque como crítico literário foi José Américo de Almeida. Quando era Procurador do Estado, José Américo ofereceu a Pereira a novela *Reflexões de Uma Cabra* (1922). A edição de novembro de 1922 da *Era Nova* trouxe a transcrição de uma carta elogiosa enviada por Pereira ao próprio José Américo, que era colaborador da revista. O título da seção é o mesmo da novela, e, logo abaixo, na linha fina, Pereira da Silva é tratado pelo epíteto de “príncipe dos poetas parahybanos”.

É interessante notar como autores que foram ajudados por Pereira da Silva, como José Américo e Augusto dos Anjos, permaneceram sendo lembrados ao longo do tempo, ao passo o próprio Pereira foi esquecido: “O nome de Augusto dos Anjos se mantém no campo intelectual até os dias de hoje. Mas quem levou o nome de Augusto dos Anjos para a roda de leitura do Rio de Janeiro, um deles, foi o próprio Pereira da Silva” — afirma Gilsa Andrade. — “A gente assiste, infelizmente, no nosso estado, uma dificuldade de dar permanência de lugar a nomes como Pereira da Silva. Nós temos autores que dizem que o que faz você permanecer na memória cultural e artística, mais do que a sua qualidade em si, é, também, quem vai lhe colocar nesse lugar”.





# “Saindo daquela cidade, sacudi até o pó das sandálias em testemunho contra eles”

Nos últimos anos de vida, Pereira da Silva contraiu tuberculose, a “febre das almas sensíveis”, que acometeu tantos outros poetas e permeou a produção literária brasileira na primeira metade do século 20.

Em busca de tratamento para a doença, que pouco a pouco lhe minava o organismo, Pereira se refugiou em climas serranos do Rio de Janeiro, primeiro em Paty do Alferes, depois em Vassouras, e, por último, em Rodeio. Ali, o poeta se isolou num hotel quase em ruínas, onde permaneceu doente e sozinho, sem assistência, recebendo a visita do filho Hélio aos sábados, segundo Humberto Fonsêca.

De acordo com a certidão de óbito presente no *FamilySearch*, A. J. Pereira da Silva morreu em 12 de janeiro de 1944, aos 67 anos, vítima de “insuficiência cardíaca - esclerose pulmonar”. Ele passou seus últimos momentos no Sanatório São Vicente, uma espécie de casa de repouso no bairro da Gávea, e que atendia doentes com distúrbios psiquiátricos e patologias geriátricas. Seu corpo foi velado na ABL e sepultado no Cemitério São João Batista.

Humberto Fonsêca contou que, nos últimos anos de vida, Pereira da Silva acalentou o desejo de regressar à Paraíba, o que não foi possível ante sua total ausência de recursos.

Em 3 de novembro de 1962, o advogado e escritor Alcides Carneiro fundou a cadeira de número 34 da Academia Paraibana de Letras (APL), e escolheu Pereira da Silva como Patrono. Conforme vimos anteriormente, foi Alcides que solicitou recursos ao interventor Gratuliano de Brito para custear o fardão de Pereira em sua posse na ABL.

No Jardim dos Acadêmicos da APL há um busto de Pereira da Silva esculpido em 1991 pelo artista plástico campinense Antônio Barbosa Guimarães Filho, conhecido como Labas, na gestão do então presidente Manuel

Batista de Medeiros.

Apesar de ser o Patrono da cadeira 34 e de ter um busto no Jardim dos Acadêmicos, não há nenhuma obra de Pereira da Silva na biblioteca da APL. O único livro que faz menção ao primeiro paraibano na Academia Brasileira de Letras é o do professor Humberto Fonsêca. Segundo levantamento feito pelo desembargador Rogério Fialho, também não há nenhum exemplar das obras de Pereira da Silva na Fundação Casa de José Américo, no Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, na Biblioteca Pública do Estado e na Biblioteca Central da UFPB.

Já a Biblioteca de Livros Raros Átila Almeida, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, dispõe de todos os livros de Pereira da Silva, com exceção de *Væ Soli!* Mesmo a biblioteca que levava o nome de Pereira da Silva, em Araruna, desativada em 2022, não dispunha de nenhum livro do autor em seu acervo.

O apagamento de Pereira da Silva em seu torrão natal não é algo novo. No artigo *Missionário da Tristeza*, pu-

blicado há mais de 100 anos, em dezembro de 1921, na revista *Era Nova*, o professor e crítico literário Synésio Guimarães Sobrinho já comentava sobre o desconhecimento de Pereira da Silva na Paraíba. O seguinte trecho foi reproduzido na tese de Gilsa Andrade:

Pereira da Silva não é um desconhecido na poética nacional; na Paraíba, berço do atormentado vate, pouco se fala dos seus versos, de sua torturada musa, no entretanto, ele é o príncipe dos poetas paraibanos. A minha intimidade espiritual com Pereira da Silva data dos albores de minha mocidade; lera-lhe os versos, admirava-lhe a obra triste e pessimista, mas, ignorava-o filho da Paraíba.

“Eu vejo que nós temos um comportamento cultural que alguns autores, se não recebem determinado destaque nacional, não são retomados na nossa Paraíba” — avalia Gilsa. — “Logo após os anos 40, o nome de Pereira da Silva foi sumindo das referências. De menos de 20 anos para cá, a Universidade vem buscando retomar esses nomes esquecidos e apagados da história”.

Ainda segundo Gilsa, é necessário que o nome de Pereira da Silva seja revisitado pelas instâncias de consagração, manutenção e legitimação, como as universidades, as escolas, os livros didáticos, as bibliotecas e os museus. A construção do Centro de Cultura Poeta Pereira da Silva, em Araruna, parece ser um bom começo.

## 100 anos de ‘O Pó das Sandálias’

“Porém, se não vos receberem, saindo daquela cidade, sacudi até o pó das sandálias em testemunho contra eles”.

Esse trecho do Evangelho de Lucas (IX, 5) inspirou o título de *O Pó das Sandálias*, que completa 100 anos em 2023. Assim como o título e a epígrafe de *Væ Soli!*, esse versículo diz muito sobre a biografia do nosso primeiro imortal: mereceríamos ter lançado contra nosso rosto o pó das sandálias de Pereira da Silva, em testemunho contra o descaso da Paraíba para com ele?

Concluimos com um trecho do artigo ‘Reminiscência’, escrito por Pereira da Silva em homenagem ao escritor



Placa em homenagem à Pereira da Silva, patrono da Cadeira 34 da Academia Paraibana de Letras



Jackson de Figueiredo, e publicado no suplemento literário *Autores e Livros*, em 2 de novembro de 1911. As palavras dirigidas a Jackson Figueiredo podem muito bem ser aplicadas ao próprio Pereira:

Recordar é viver... Por isso mesmo, enquanto vivemos, não desaparecem de nossa memória as paisagens que já uma vez refletimos, e as figuras que se fixaram em nosso coração. Aqui, também, neste mundo interior, nada se perde. A memória é a depositária sagrada de todas as horas que o destino nos concedeu. É graças a ela

que se estabelece essa corrente de ideias e sentimentos, cujos primeiras elos se perdem nas origens dos tempos, porém se tornam cada vez mais fortes, à maneira que as gerações se vão sucedendo em sua marcha para o Futuro. Pouco importa a morte. A memória só lhe permite o que é perecível, o que não afeta a nossa finalidade. O espírito e as suas criações a morte não absorve. O espírito tem as suas leis, igualmente eternas, como as da morte. Elas se dirigem, as da morte e as do espírito, através da Realidade e do Sonho, paralelamente, inde-

finidamente... E todos nós, que temos, por fortuna ou desfortuna, a vocação intelectual, mais fortemente sentimos esta verdade. O trato com os sábios, os poetas, os escritores, os homens de ação ou de pensamento, nos deixa muitas vezes impressões imorredouras. Constituímos como que uma família à parte. Nela como na família natural, verificam-se os mesmos contrastes mas também as mesmas harmonias. Não pode deixar de ser assim.

“A vida é tão diferente  
E as almas tão desiguais” ...

## A Pendula

Nos meos dias de Job, dias de vento norte,  
Dias 13, de azar, de augurios agoureiros,  
Penso que vou morrer assim como os cordeiros  
E só, sem pae, sem mãe, — nada que me conforte.

Penso e tremo de horror, e examino se forte  
Estou p’ra resistir aos lances derradeiros.  
Olho o relógio bem. Parece que os ponteiros  
Marcam a cada instante a hora da minha morte...

Que alma de Satanaz uma pendula! Ao ouvil-a  
Implacavel, fatal, nesse seo rythmo certo,  
Penso que ao de redor de mim tudo vacilla

Perco a noção do ser; vejo em torno um deserto.  
Meo proprio coração faz-se um pendulo e oscilla,  
Ora perto da vida, ora da morte perto...

## À minha mãe

Numa Terra mais triste que a Siberia  
Nossa Senhora veio ter commigo.  
Entristeceo-A ver como um mendigo  
Um coração de bom, uma alma etherea....

Em verdade vos digo! essa Miséria  
Essas chagas em flor, esse Castigo  
Nada mais são do que o Peccado antigo...  
Sois mais um fructo pôdre da materia...

Não devieis de certo ter nascido;  
Pois não fora melhor que fosseis nada  
Do que serdes mais triste que um gemido ?...

E me atirando uma porção de lyrios  
Transfigurou-se pallida e apiedada  
Dos meos soluços e dos meos Martyrios....

## O olhar da morte

Cada dia que vem e passa mais de perto,  
Fita-me o secco olhar da caveira da Morte;  
Sonho; mas, aonde quer que o sonho me transporte,  
Eil-o como um clarão extranhamente aberto...

Erre como S. João de deserto em deserto;  
Faça-me de jogral, ria da minha sorte;  
Pregue o Bem, pregue o Mal; me alente ou desconforte  
A van philosophia; esteja certo ou incerto;

Cante, brinque, soluçe, ache-me triste ou afflicto;  
Tenha ou não tenha fé nas cousas sobrehumanas  
Veja Deos para Alem desse Azul infinito,

Veja um cahos atravez de duvidas insanas;  
Eil-o a me acompanhar sempre, — esse astro exquisito, —  
Por este extenso mar das lagrimas humanas...

*(Poemas publicados originalmente no livro 'Væ Soli!', Curitiba: Imprensa Paranaense, 1903.  
Reprodução obedece a grafia original do conto  
publicado por Pereira da Silva)*



# Misticismo

Sabes, disse-me Aldo beijando uma saudade murcha, esta flôr é um mysterio...

– Um mysterio!?

– Sim..

E ,cravando os olhos no Azul, plácido e calmo, deixou-o filtragem duas lágrimas da alma...

O dia morria lento e lento. Bello, n'um incêndio longínquo e saudoso, o Sol, pulverizando de túbias nuances d'ouro as grimpas esmeraldinas dos serros, morosamente tombada, além das montanhas azues.

Dominava tudo o mais fundo silêncio, a mais dorida tristeza; apenas, de espaço a espaço, magoando essa mudez do crepúsculo, o sino, na elegia do bronze, gemia.

Era a hora do Angelus...

Assim.... (continuou) foi n'uma tarde assim !...

Havia em todo o indefinido do Céu e da Terra essa mesma tristeza mystica, profunda. É como se os anjos chorassem, cahiam do Alem bagas tenues de pranto. Moças de branco, conduzindo grinaldas e flores, seguiam em préstito. E de quando em quando o bronse dobrava, à finados...

Finados de minhas ilusões, sonhos e esperanças. Sim! Era Ella, a minha noiva, que o sino chorava e a inconsciência da Morte levava ao esquecimento da vida...

Laura! Inda te vejo, atravez minha loucura de saudade, toda nublada n'aquelle sudario branco, toda florida de jasmins de lyriros.

E assim - quando me consterna essa lembrança! - como estavas divina, n'aquella ausencia de vida!

Ah! Quando teo corpo desapareceu no lurido mysterio da campa, recordo-me, a noite trêda surgiu e uma estrella tombou do Infinito.

Era a eterna noite da minha alma, a desventurada estrella da minha gloria...

E nessas horas, que passo n'uma santa nebulosidade d'alma, espiritualizado, adorando, à noite, o Céu e as Estrellas, passo-as embalado na ilusão de te ver ainda, entre os Astros, na Altura. E como é doce essa illusão, essa saudade! ...

Saudade... sim... (disse fitando-me) esta flor colhi em sua sepultura e, beijando-a, repetio:

E' um mysterio...

Pereira Da Silva

*(Publicado originalmente na Palladium Revista Literaria, Ano 1, Número 1, 1899. Reprodução obedece a grafia original do conto publicado por Pereira da Silva)*

**Samuel Amaral**, é natural de João Pessoa (PB). É jornalista, escritor e pesquisador. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba (PPI-UFPB).

Pesquisador colaborador da Fundação Casa de José Américo (FCJA). Integrante do Projeto de Pesquisa Memória do Jornalismo Paraibano (Mejor). Servidor da UFPB. Autor do livro "Biu Ramos: o timoneiro da Arca de Sonhos" (Editora A União, 2023).

**Wellington Rafael da Silva**, é natural de São Paulo (SP). É professor e escritor. Especialista em Geografia e Território pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Licenciado em Geografia e História (UEPB-Campus III). Membro correspondente do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH). Atualmente, é Coordenador de Cultura de Araruna (PB).



# Uma confraria que agrega pessoas e saber por meio do livro

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

Além de agregar conhecimento, o livro também aproxima pessoas, seja em grupos de estudos, saraus literários, academias de letras ou entidades como a Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP), que completou cinco anos de fundação em setembro. Situada no município de Patos, Sertão paraibano, ela é a segunda do país. Antes veio a Confraria dos Bibliófilos do Brasil, fundada em 1995, em Brasília. Na Paraíba, a ideia surgiu em 2018, tendo como idealizador o escritor, teatrólogo, poeta e engenheiro civil José Mota Victor, presidente da entidade que já possui cerca de 150 sócios. No mês de aniversário, a CBP organizou uma vasta programação, reavivando a missão de não apenas colecionar relíquias impressas, mas estimular a leitura e a produção de diversos gêneros.

“Bibliófilo é uma pessoa que ama os livros. Um colecionador de publicações raras, que gosta de livros especiais, de edições esgotadas, de primeiras edições da literatura brasileira ou universal. Na

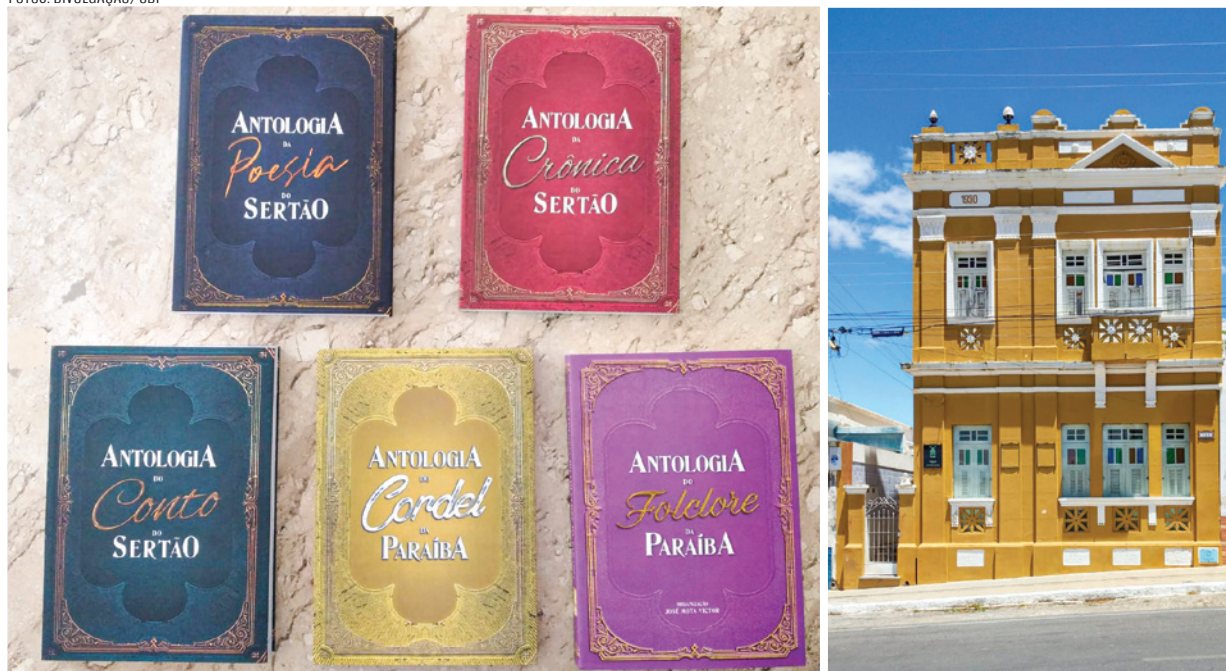
verdade, o bibliófilo é um amante do livro. Sou um bibliófilo, gosto de livros desde a adolescência e coleciono obras raras, principalmente obras esgotadas de livros de escritores paraibanos”, afirmou José Mota, que também é membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP).

Esse bem-querer é tão grande que o poeta patoense reuniu ao longo da vida um vasto acervo e criou a Biblioteca Armorial do Piranhas, em Patos, onde funciona a sede da Confraria. Lá é possível encontrar “obras, raras, raríssimas e esgotadas” como a 10ª edição da *Vulgada Francesa* e os primeiros livros traduzidos no início da década de 1930, diretamente do idioma russo para o português, pela Biblioteca de Autores Russos do Editor Georges Selzoff.

O detalhe da tradução do idioma russo para a língua portuguesa é um ponto relevante porque, antigamente, as obras estrangeiras eram primeiramente passadas para a língua francesa e, só depois, traduzidas para o português. Daí o teor valoroso dos livros do acervo do Armorial do Piranhas.

“Para não me alongar em descrição de obras raras, esquisitas e cobiçadas, citarei apenas algumas obras do Imperador Dom Pedro II que se encontram no ‘Acervo Especial da Biblioteca’: ‘Sonetos do Exílio – Recolhidos por um Brasileiro’, obra publicada em Paris, no ano de 1898; ‘Poesias Completas de Pedro II’, publicadas pela Editora Guanabara, em 1932, e ‘Prometheu Acorrentado’, um original de Eschylo,

FOTOS: DIVULGAÇÃO/CBP



Situada em Patos, no Sertão da Paraíba, a Confraria dos Bibliófilos da Paraíba agrega mais de 150 sócios e produz edições próprias todos os anos



vertido literalmente do original grego para o português, por Dom Pedro II, imperador do Brasil, e publicado pela Imprensa Nacional no ano de 1907”, ressaltou Victor.

O acervo, assim como a Patos na década de 1930, mais precisamente na Praça Edivaldo Motta, 156, Centro de Patos. De acordo com o proprietário, a biblioteca tem mais de 10 mil títulos e é especializada em livros paraibanos, sendo detentora de coleções especiais. “Nela podemos encontrar a maior coleção privada do Brasil do escritor José Américo de Almeida, do escritor Allyrio Meira Wanderley e do compositor Francisco Buarque de Holanda (Chico Buarque), que conta com um acervo de aproximadamente 700 peças, entre CDs, fitas cassetes, discos de vinil, revistas, DVDs e livros”, afirmou.

## As várias imersões trazidas pela leitura

Em tempos nos quais o universo digital - com suas mensagens curtas e urgentes - invade cada vez mais a vida das pessoas, o livro, sobretudo o impresso, parece relíquia de colecionador ou um bem consumido com maior frequência pela chamada “geração das antigas”. Porém, quem integra uma entidade como a confraria de bibliófilos, sabe bem para onde as páginas de uma longa e detalhada leitura transportam o interlocutor.

“No meu caso, um livro é como o gênio da lâmpada de Aladim. Satisfaz-me os desejos de viajar por lugares que não conheço ou já conheci; fornece-me um tapete mágico para sobrevoar por lugares vários. Imagino personagens de acordo com a descrição do autor, mas colocando um pouco de mim neles. É como se eu tivesse diante de uma tela. O desenho é do autor, mas a escolha das cores também é minha”, afirmou a escritora e médica paraibana Edenilza Campos de Assis e Mendes, integrante da CBP.

Para ela, o livro tem o “poder” de nos mostrar caminhos a seguir, nos possibilita aprendizados, nos inunda de inúmeros sentimentos e nos faz “viver várias vidas”. “Minha relação com eles é de afeto, gratidão e quase dependência. Completam-me”, disse Edenilza, que desde criança começou



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

José Mota, idealizador da CBP: unido pessoas que amam obras raras e cultivam o hábito de ler livros

a se interessar pela leitura, pois foi alfabetizada pela mãe que era professora, e conviveu com os tios que resguardavam uma imensa coleção de títulos.

Participar da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba é uma forma de manter, no cotidiano, a presença não só da leitura, mas também da escrita, e compartilhar essa estima com os demais confrades e confreriras. Segundo Edenilza, o idealizador do projeto vai muito além do que administrar grupos de amantes de livros.

“Ele provê matérias que estimulam mais e mais os leitores e agregam. Além disso, na Confraria podemos conhecer pessoas que são muito diferenciadas pelo que fazem em termos de escritas, de pinturas, de posturas e proposições. É um mundo no qual podemos nos refugiar, de certa forma, em face do que nele se encontra, para avaliarmos melhor quem somos e o que queremos para nossa vida”.

Outro confrade da CBP é o escritor, jornalista, historiador e editor Evandro da Nóbrega. Ao falar da fundação do projeto, em Patos, ele enfocou que sempre houve no “hinterland” uma mescla de desejos represados de moças e rapazes amantes das Artes em geral e da Literatura. “Eles almejavam ler mais, escrever mais, terem suas produções publicadas/divulgadas, participarem de entidades associativas em que pudessem discutir suas ideias, aspirações, temas sócio-lítero-culturais”.

A partir disso, José Mota Victor teve a ideia do projeto que “veio preencher, praticamente, todas essas aspirações juvenis latentes”. Assim como Edenilza Campos, Evandro também concorda que a entidade tem um teor agregador, já que os diálogos entre os confrades são constantes, dinâmicos, além de terem mais facilidade de pro-



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Edenilza Mendes, integrante da CBP: confraria possui pessoas diferenciadas pelo que escrevem ou propõem

duzir e lançar suas obras. “E a única obrigação financeira dos sócios, num ano, é a de adquirir um livro editado pela Confraria que, sempre no mês de setembro, lança um volume de crônicas, contos, poesia, cordel e outros gêneros, além de um livro-surpresa’, ao preço de R\$ 50”, afirmou.

## Contra o marasmo cultural

A ideia de criar a confraria paraibana surgiu quando José Mota Victor, que morou fora da terra natal uns tempos, retornou a Patos em 2018 e ficou incomodado com o “marasmo cultural do interior”. Inicialmente, a entidade era chamada de “Confraria dos 100 Bibliófilos do Sertão Paraibano”, mas em 2021 já não cabiam mais sócios.

“Tivemos que criar a categoria de ‘Confrade Especial’ para acomodar novos bibliófilos que tinham interesse de participar do projeto. Foi quando surgiu a brilhante ideia proposta pelo confrade e escritor Everaldo Nóbrega, de trocar o nome de ‘Confraria dos 100 Bibliófilos do Sertão Paraibano’ para ‘Confraria dos Bibliófilos da Paraíba’”, explicou José Mota Victor.

Atualmente, dos mais de 150 sócios da entidade, 98 são homens e 53 mulheres, segundo levantamento mais recente da direção da confraria. O objetivo do projeto é ampliar o número de livros publicados e ultrapassar a marca dos 200 bibliófilos membros da entidade em 2024.

Pelo menos duas publicações são lançadas na CBP a cada ano, contando sempre com a participação de seus sócios que, não apenas contribuem com a escrita das obras mas, dependendo dos talentos de cada um, fazem a ilustração, entre outras funções.



## Comemoração com literatura e arte

O aniversário de cinco anos de criação da Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP) foi comemorado com uma vasta programação. O calendário de dois dias de festa contou com o lançamento de mais de 10 livros, exposição de gravuras, entrega de brindes e de diplomas entre os confrades.

Um dos destaques no rol de atividades foi o lançamento do livro *As Mulheres de Chico*, que passou seis meses sendo elaborado por integrantes da entidade. A ilustração ficou sob a responsabilidade do artista plástico Vandenberg Medeiros, que entregou uma pintura em aquarela.

Segundo José Mota Victor, a obra aborda 20, das mais de 30 canções de Chico Buarque que possuem nomes de mulher: Angélica – Bárbara – Beatriz – Carolina – Cecília – Cristina – Geni – Iracema – Januária – Joana – Lola – Luísa – Madalena – Maria – Nina – Renata Maria – Rita – Rosa – Sílvia e Terezinha. “*As Mulheres de Chico* é um livro primoroso, coletivo, colorido e atual”, disse Victor.

As outras obras lançadas foram *Diário de uma Mãe*, de Maria José Vital; *Memórias de um Bancário*, *Amor a Poesia II* e *Crônicas*, de Everaldo Nóbrega; *Miguel e o Celular*, *O Gato Juan*, *Clarice e a Andorinha* e a *A Raposa - Depois Daquele Adeus*”, de Júnior Misaki; *Poesia Abrangente*, *Incertezas do Existir* e *Porto Viagem*, de Carlos Coelho; *Filarmônica 26 de Julho*, de José Romildo; *Direito à Cidade e Alfabetização Urbana*, de Delzymar Dias, e *Caderno de Poesias*, de Stefhanny Lee.

Ainda houve o sorteio de 40 brindes doados pelos confrades e congreiras, pela Fundação Educativo-Cultural Miguel Motta (Fecmma), Ideia Editora, Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EduPB) e Editora A União. Essa última, segundo José Mota, faz parte da trajetória da entidade. “Todos os livros da Confraria foram publicados pela Editora A União, que é nossa parceira nesses cinco anos. A qualidade das edições pesou muito na escolha da editora”, frisou o presidente da CBP. No segundo e último dia de comemoração, 23 de setembro, houve, ainda, o lançamento da obra *Antologia do Folclore da Paraíba*.



## O livro surpresa é uma publicação anual lançada no segundo semestre do ano pela Confraria dos Bibliófilos da Paraíba

## Como participar

Para integrar a Confraria dos Bibliófilos da Paraíba (CBP) a pessoa interessada precisa, antes de tudo, gostar de livro e, segundo José Mota Victor, adquirir a última publicação da entidade, que atualmente é a *Antologia do Folclore da Paraíba*, no valor de R\$ 50.

“A única despesa do bibliófilo é comprar uma antologia anualmente. Ao adquirir a antologia, o bibliófilo receberá um kit, que este ano foi a *Antologia do Folclore da Paraíba*, o livro surpresa 2023, o marca-páginas, mais *bottom* e uma bolsa de tecido com pintura da congreira e artista plástica Janeide Sotero”.

O livro surpresa é uma publicação anual lançada no segundo semestre do ano pela CBP. A cada ano, a presidência define o tema da obra e convida alguns membros da entidade para participarem da feitura da publicação. Somente esse grupo fica ciente do tema que a obra abordará. Depois de pronta, os demais sócios, então, conhecem a obra.

Para José Mota, seu papel é coordenar os trabalhos da confraria. “Um grande trabalho porque, diferentemente da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, o nosso confrade pode participar de todas as nossas publicações. Na última antologia, participaram 29 bibliófilos, e o livro surpresa, *As Mulheres de Chico*, teve a participação de 20 escritores da entidade”, contou.



Com dois dias de programação, entre lançamentos de livros e exposição, evento marcou os cinco anos da criação da CBP, em Patos

FOTO: DIVULGAÇÃO/CBP

**Alexsandra Tavares** é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).



# A Recepção de Gilberto Freyre na França

FOTO: ARQUIVO/ESTADÃO CONTEÚDO

**Bruno Gaudêncio**

Especial para o *Correio das Artes*

A obra *Escrita Histórica e Geopolítica da Raça: A Recepção de Gilberto Freyre na França* (Global, 2023), de Cibele Barbosa é um mergulho profundo e detalhado na complexa relação entre a obra do renomado sociólogo brasileiro Gilberto Freyre e a intelectualidade francesa no pós-guerra. O livro, resultado de uma tese de doutorado na Universidade Paris IV-Sorbonne, orientada pelo ilustre historiador brasileiro Luiz Felipe de Alencastro, oferece uma análise abrangente e densa sobre como as ideias de Freyre foram percebidas, debatidas e assimiladas no contexto intelectual francês, bem como em outras partes do mundo.

**Livro aborda a complexa relação entre a obra do brasileiro Gilberto Freyre e a intelectualidade francesa no pós-guerra**





Vencedor do 1º Concurso Internacional de Ensaio (Prêmio Gilberto Freyre 2020/2021), o livro é dividido em seis capítulos, cada um oferecendo um enfoque específico e aprofundado sobre aspectos cruciais da recepção de Freyre na França e seu impacto em um cenário mais amplo.

A autora, Cibele Barbosa, é doutora em História Moderna e Contemporânea, pesquisadora titular da Fundação Joaquim Nabuco/MEC e professora do Profsocio/Fundaj, e deixa claro desde sua apresentação como sua trajetória acadêmica se confunde com seus estudos sobre a obra de Gilberto Freyre. Este é tema de pesquisa da autora desde a iniciação científica, quando de sua graduação em história na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

*Histórica e Geopolítica da Raça: A Recepção de Gilberto Freyre na França* é um ensaio bastante fundamentado teórico e metodologicamente. Sua estrutura é didática, constituído por capítulos sintéticos e complementares, com boa organização e estrutura não só nos capítulos, como também nos subtítulos propostos, sempre curtos e precisos.

Do ponto vista metodológico, chama atenção sua equilibrada análise interna (principais influências e filiações intelectuais de Freyre) e análise externa (contexto social e político em que o mesmo estava inserido). Teoricamente também é acertada a opção da autora pela utilização da teoria da recepção (Haas Jauss e Wolfgang Iser) casada com a noção de campo de legitimação científica (Pierre Bourdieu).

Ainda do ponto de vista teórico,



Obra oferece uma análise abrangente e densa sobre como as ideias de Freyre foram percebidas, debatidas e assimiladas no contexto intelectual francês, bem como em outras partes do mundo

chama atenção a concepção da autora de "colonialismo esclarecido", no capítulo 4. Para a historiadora pernambucana, Gilberto Freyre elaborou um modelo de "Pensamento que, ao invés de induzi-los a criticar frontalmente o colonialismo ou a de levá-los a apoiar o processo libertário de descolonização de países africanos e asiáticos, serviu, ao contrário, de base para pensar soluções reformistas que, no limite, mantinham a esperança de manutenção dos impérios coloniais" (p.182).

Tal conceito, sustenta, assim, através da recepção na França de Gilberto Freyre, a ótima tese da autora: "Os autores franceses selecionaram aspectos do texto freyreano que correspondiam aos seus anseios, tanto na esfera das

discussões intelectuais quanto sociais, culturais e políticas" (p.32).

Vamos agora incursionar brevemente pelos seis capítulos organizados no livro por Cibele Barbosa.

O capítulo 1, intitulado "Gilberto Freyre e a historiografia brasileira", serve como um prólogo essencial do trabalho, lançando as bases para a compreensão da trajetória intelectual de Gilberto Freyre e sua contribuição para a historiografia brasileira. A autora traça o caminho de Freyre até sua obra seminal, *Casa-Grande & Senzala*, ressaltando seu período de formação nos Estados Unidos e a substituição do conceito de cultura pelo de raça. Barbosa destaca o impacto instantâneo da obra no Brasil da década de 1930, que o catapultou para a posição de um historiador heterodoxo, distinto dos padrões de pesquisa da época. No entanto, a autora também problematiza a visão de Freyre sobre as relações entre senhores e escravos, revelando contradições e paradoxos em sua abordagem, dentro de uma tradição uspiana.

O capítulo 2, "Freyre e os historiadores dos Annales", constitui um dos pontos mais intrigantes da pesquisa, pois mergulha na relação entre Gilberto Freyre e os proeminentes historiadores da Escola dos Annales, como Fernando Braudel e Lucien Febvre. Barbosa demonstra como Braudel e Febvre perceberam e promoveram a obra de Freyre na França. Isso ressalta a notoriedade de Freyre e sua capacidade de conquistar reconhecimento internacional, mesmo antes de Braudel alcançar proeminência. A autora destaca como Lucien Febvre, em particular, desempenhou um papel fundamental na promoção de *Casa-Grande & Senzala* na França, ao escrever a introdução para a tradução francesa de 1952.

No Capítulo 3: "Redes de sociabilidade e a recepção de Freyre na França", Cibele Barbosa se aprofunda nas redes de relacionamentos intelectuais de Gilberto Freyre na França, com destaque para sua amizade com Roger Bastide, um influente antropólogo francês que foi professor no Brasil (USP) e que traduziu a obra de Freyre para a língua de Proust em 1952. A autora argumenta que Bastide desempenhou um papel central na promoção e recepção da obra de Freyre na França, pois era membro da



revista dos Annales e ocupava uma posição de destaque na École Pratique des Hautes Études.

Além disso, Barbosa também destaca outros intelectuais franceses, como Georges Gurvitch, Jean Pouillon, Jean Duvignaud e Roland Barthes, que contribuíram para a disseminação das ideias de Freyre na França. No entanto, ela não deixa de abordar vozes dissonantes, como a de Alberto Guerreiro, sociólogo brasileiro radicado na França na década de 1950, que questionava o status de Freyre como sociólogo. Tal perspectiva

No capítulo 4, “Gilberto Freyre e o antirracismo”, Barbosa concentra-se a compreender o contexto pós-Segunda Guerra Mundial, quando o debate sobre o racismo ganhou destaque, especialmente com a criação da Unesco. A autora explora como Freyre se encaixou nesse cenário internacional e como suas interpretações sobre a experiência inter-racial no Brasil foram valorizadas. Ela destaca como Freyre era visto como um intelectual que promovia a mestiçagem como alternativa à discriminação racial, contrastando com o discurso anticolonial de pensadores como Frantz Fanon.

Durante o capítulo 5, “A recepção de Freyre e o cenário político da França no pós-guerra”, há verdadeiramente uma contextualização da recepção de Gilberto Freyre no cenário político da França do pós-guerra. A autora enfatiza como as ideias de Freyre foram apresentadas como uma voz contra o preconceito racial, mas não anticolonial, o que foi conveniente para regimes como o de Salazar em Portugal. Isso levanta questões complexas sobre como as ideias de Freyre, o lusotropicalismo, quando foram usadas para legitimar regimes que mantinham impérios coloniais. A autora analisa as pressões internacionais sobre o governo de Salazar e como Freyre foi utilizado para fornecer uma legitimidade científica à noção paradoxal de um Portugal detentor de colônias, mas não colonialista.

Por fim, no capítulo 6, “Casa Grande & Senzala e o imaginário exótico da França no pós-guerra”, Cibele Barbosa argumenta que a obra de Freyre retoma tropos exóticos que moldaram a imagem do Brasil no exterior, como a dicotomia entre paraíso e inferno e o imaginário da beleza exótica. A



FOTO: DIVULGAÇÃO

autora também destaca várias edições de *Casa-Grande e Senzala* na França ao longo dos anos, demonstrando como a obra continuou a ser relevante e influente, culminando na inclusão do livro na prestigiosa coleção *Bibliothèque des Histoires* da editora Gallimard, em 1974.

Em resumo, *Histórica e Geopolítica da Raça: A Recepção de Gilberto Freyre na França* é uma obra rica e profundamente informativa que lança luz sobre a complexa interação entre as ideias de Gilberto Freyre e o cenário intelectual e político da França no pós-guerra. Cibele Barbosa não apenas narra a história da recepção de Freyre, mas também problematiza questões essenciais relacionadas ao colonialismo, ao antirracismo e ao imaginário social.

Doutora em História, pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco e autora do livro, trajetória acadêmica de Cibele Barbosa se confunde com os estudos que ela fez sobre a obra de Gilberto Freyre

**Bruno Gaudêncio**, nasceu em Campina Grande. Escritor e historiador. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP).





**Larissa Rodrigues**  
larissa.733@gmail.com

**/ afinal, o que quer uma mulher?**

## Tiago Germano, meu amigo de áudio

Penso que ninguém gosta de dor. Eu não sou diferente, por isso fugi de uma cirurgia para melhorar minha respiração por anos. Na verdade, só cedi porque a respiração estava cada dia pior e vivia cansada. A experiência foi terrível, mas superei. A vida em si é uma grande superação, não entendo por que nos deixam ler esses contos de fadas. Felizes para sempre? Sei... lutando até o fim, seria a frase certa. E por falar em leitura, acreditei que iria ler muito no período de convalescença. Do clássico, Flaubert a García Márquez. Ledo engano, quem danado lê com dor?

Minha salvação foi o celular, o vilão da vida moderna. Nele me distraí vendo os Reels do Instagram e as postagens dos amigos. Em uma manhã quando as dores deram trégua, li uma crônica de Tiago Germano, falando sobre amizade de Reels.

Constatei que não era sua amiga de Reels, e como toda pessoa fragilizada e um tiquinho dramática, comentei em uma de suas postagens que lamentava a falta desse vínculo. De imediato, Tiago lembrou que sou sua amiga, quase exclusiva, de áudio. Ele só se abre à ferramenta para mãe e para mim. Olha só, faço o escritor soltar a voz nos áudios. Tiago, como a maioria dos escritores, gosta de textões e eu que vivo numa correria, entre um paciente e outro, prefiro a agilidade dos áudios.

Interessante que depois dessa resposta, lembrei de como me tornei amiga dele. Antes de trocar áudios e ideias literárias, e sobretudo contar com sua crítica em alguns de meus textos. Vi o escritor pela primeira vez, ou fomos apresentados, não me recordo, no lançamento do Manoel Herzog, ano

passado. Detalhe é que Tiago só andava de máscara. E com aquele cabelo tomando o rosto não o achava nada parecido com suas fotos da internet.

Na segunda vez, encontrei-o no bar do baiano, a convite de Antônio Mariano. E lá vinha ele de

FOTO: FÁBIO CARDOSO/DIVULGAÇÃO



Tiago Germano, autor de 'O Que Pesa no Norte': de amigo de Reels a amigo de áudio



máscara e sem tomar uma cerveja. Achei um tanto esquisito, mas fiquei na minha, vez por outra sei ficar calada. Meses depois fomos eu e ele convidados pelo querido Juca Pontes para apresentar nossos livros na Academia Paraibana de Letras. Pensei, será que ele vai de máscara? Mas ele não foi. Na verdade, ele foi super elegante, usava terno e o cabelo na testa como de costume. Divulgamos o evento em nossas redes e vi um comentário da mãe dele vibrando com o convite.

Não sei ele, mas eu achava que ia ter um chá, um biscoito amanteigado, alguns imortais e um belo papo. Saí de casa toda arrumada, me sentindo uma pessoa de sorte, afinal não é pra qualquer um apresentar seu primeiro livro na APL. Na chegada, tirei fotos, fiz stories e observei um teatro montado para as crianças de uma escola municipal. Reparei na feira de livros, comprei o livro de Tiago, *O Que Pesa no Norte*. Ele autografou e carimbou junto o desenho de Belchior. Achei fantástico!

Deborah Dornelas veio assistir a nossa fala, ela é amiga dos dois. E nesse momento começamos a conversar e entendi que eu não era a única que estava orgulhosa com o convite. Passamos meia hora nessa conversa bem-humorada e só depois percebemos que não havia público. Pensamos que estavam atrasados e tudo bem, faz parte à espera. Continuamos lá com sede e até conseguimos água.

**Sáimos de lá  
rindo, e se  
elogiando.  
Acho que nos  
completamos  
naquele evento  
inesperado**

Tiago suave em bicas, eu já estava meio ansiosa. Deborah avisou que estavam preparando uma mesa, anunciaram o mediador. Mas não havia público. Juca Pontes não apareceu e ficamos lá procurando os imortais. Até que chamaram nossos nomes e ouvimos algumas vozes no jardim. Eram as crianças. Sim, fomos apresentar nossos livros para crianças de nove e dez anos de idade.

Eu e Tiago rimos, a gente se olhava sem falar muito, mas conseguimos rir. Daí um improvisava e o outro ajudava. Falamos de São Paulo, os dois livros tinham essa cidade como referência. Tiago falou de seu gosto por viajar. Tentamos incentivar a leitura e a criatividade nas crianças. Uma menina disse que queria ser igual a mim quando crescesse e eu pensei que ela podia ser muito melhor. As crianças tem a chance de ser sempre uma versão melhor. Terminamos e recebemos abraços calorosos. Vendemos exatos dois livros, eu comprei o dele, ele comprou o meu, e dois turistas compraram um de cada.

Sáimos de lá rindo, e se elogiando. Acho que nos completamos naquele evento inesperado. E dali por diante, nasceu uma amizade. E sempre que lembramos desse evento a gente se diverte. Valeu a pena falar pra crianças, mas acho que a gente merece um chá um dia desses. Sobretudo, Tiago Germano. Que deu o orgulho à Paraíba de estar entre os semifinalistas de um prêmio tão importante como o Oceanos.

Daqui do Nordeste a gente sabe o quão difícil é vencer alguém do eixo Sul e Sudeste, mas ando tendo fé que a literatura consiga ser mais forte do que esse olhar quase único para premiações de autores de lá. Precisamos lembrar que nasceu de nosso chão pessoas como José Lins do Rego, Augusto dos Anjos, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Marineuma de Oliveira, Regina Lyra, Ana Lia, Clarissa Moura, Nelson Barros,

Débora Ferraz, Débora Gil Panteleão, André Ricardo Aguiar, Leo Barbosa, Marília Arnaud, Fernando Moura, Sérgio de Castro Pinto, Waldemar Solha, Tiago Germano, Graciliano Ramos e tantos outros. Só a arte pode romper fronteiras e estamos aqui na torcida. Estamos aqui acreditando: haverá um dia em que os prêmios sejam do Brasil e não só de uma única região.

Os prêmios, assim como o valor do trabalho das mulheres, precisam ser constantemente repensados. Lembrei que, enquanto via os Reels, postava stories e me assustava com o vídeo-terremoto da anúncio do nome de meu amigo na lista do Oceanos.

Fui abordada no direct do Instagram por um camarada que fazia um bom tempo que não trocava nenhuma palavra. A abordagem simpática me desejava melhoras, em seguida o sujeito me perguntou se eu fiz cirurgia bariátrica. Eu estou com oito quilos de sobrepeso. E um homem que mal fala comigo, vê algumas postagens e deduz que a única cirurgia que me cabia seria uma bariátrica! Quando questionei se ele não estava exigente demais com o corpo feminino, a resposta foi: "Tem quem faça pra ajustar algumas coisas". Bem, talvez na opinião dele eu preciso de uma cirurgia plástica.

Agora me digam, que mulher teria coragem de fazer uma pergunta dessas a um homem? Talvez eu tenha me tornado uma mulher chata. Ou talvez eu apenas precise acreditar num país onde a literatura não seja ovacionada em uma só região e onde as mulheres possam ser respeitadas independente de seu peso, idade ou estado civil.

Obrigada, Juca Pontes, serei sempre grata a você. Gostaria que soubesse que aquele convite me fez muito feliz. Espero que as crianças de hoje mudem o mundo e tenhamos um futuro mais justo, elegante e sincero. No mais, viva esse gigante da literatura, Tiago Germano.

**Larissa Rodrigues** é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa (PB).



## A trajetória de um poeta e editor cubano exilado nos EUA (parte 2): A propósito de 'A fundo na espessura'

Analice Pereira

Especial para o *Correio das Artes*

Na edição passada da revista *Correio das Artes*, de setembro de 2023, publicamos, na coluna Clarisser, parte de uma entrevista com Jesús J. Barquet, poeta, professor, ensaísta, tradutor e editor cubano exilado nos EUA desde 1980, na qual tratamos de assuntos mais relacionados ao exílio, à literatura de temática LGBTQIPNA+ produzida por compatriotas seus, residentes ou não em Cuba, e ao seu trabalho de editor.

Para esta edição de outubro, traremos uma segunda e última parte da entrevista, desta vez mais focada na produção poética de Barquet, e no seu mais novo projeto: o livro *A Fundo na Espessura* (*Miscelânea do Desejo*, 1971-2003) / *Adentro en la Espesura* (*Miscelânea del Deseo*, 1971-2023), uma compilação bilíngue que se encontra em pré-venda pelo site da editora brasileira O Sexo da Palavra, conforme o link [www.osexodapalavra.com/](http://www.osexodapalavra.com/).

**A entrevista** ■ Jesús, na primeira parte da nossa entrevista, você diz que o exílio constitui um espaço de liberdade onde você consegue ser você mesmo, “sem medo, cautela, censura ou o perigo de ser preso injustamente e sem proteção legal”. No que se refere à sua saída de Cuba, pesaram mais as questões relacionadas à sexualidade ou à política, ou você entende não ser possível separar essas duas dimensões da vida?

Entre 1977 e 1978, depois de ter experimentado desde muito jovem a repressão cultural e profissional, atrelada à falta de liberdades políticas e à flagrante violação dos direitos humanos, planejei deixar Cuba de qualquer jeito. Planejei isso de uma maneira particular, mas de repente o caótico êxodo em massa do porto de Mariel para os Estados Unidos, que ocorreu em 1980, foi a oportunidade para, alterando meu socialmente aceitável currículo estudantil e de trabalho, poder sair de Cuba, mesmo sendo qualificado como “escória humana”, que era como o Governo socialista cubano

se referia aos cidadãos que queriam emigrar. Nesse êxodo houve também outros escritores e artistas e o encontro de todos nós desembocou no chamado “Grupo del Mariel” e na realização coletiva de projetos culturais, como revistas e leituras literárias, publicação de livros e participação em congressos. A minha fidelidade como escritor refere-se, portanto, tanto ao meu país de origem (que nunca deve ser confundido com o atual governo com mais de 60 anos no poder) como àquele Grupo del Mariel no qual, fora de Cuba, todos finalmente aprendemos ser e fazer em liberdade. Mais de 40 anos se passaram desde Mariel e há décadas que os “marielitos” não funcionamos como um grupo, mas sinto que alguns laços invisíveis ainda nos unem. Acho que como grupo tínhamos um duplo sentido: de quebra abrupta dentro da cultura insular, e de renovação dentro da cultura do exílio cubano que começou em 1959 e vem crescendo cada vez mais em quantidade e qua-

lidade. Do exposto pode-se deduzir que minha saída de Cuba foi motivada principalmente por motivos políticos, embora nos anos 1960 e 1970, em Cuba, houvesse diretivas oficiais e até leis escritas que, vigilantes da higiene sexual exigida pelo Primeiro País Socialista da América, podiam cancelar minha carreira profissional e me impedir de ingressar no setor artístico. No meu caso, diante das razões políticas, a questão da sexualidade aparecia em um segundo plano, justamente porque o sexual para o Governo dependia muito do político, e “o político” acabava significando, na prática — e ainda hoje, embora com melhores máscaras —, uma fidelidade total ao regime criado por Fidel Castro, e essa fidelidade devia ser exibida concreta e publicamente, através de uma diária e alerta “combatividade revolucionária”. Segundo minha experiência em Cuba, os vínculos entre política e sexualidade não pertenciam tanto ao campo da especulação teórica ou acadêmica, mas ao da vida concreta. E essas ligações eram claras: a quem fielmente cumpria e impunha os mandatos oficiais, o Governo permitia quase tudo, até praticar discretamente uma sexualidade fora da heteronormatividade mais puritana e machista. Daí o aparente paradoxo de que, enquanto os homossexuais mais



Capa do novo livro de Jesús J. Barquet, que será lançado no Brasil, em novembro

IMAGEM: REPRODUÇÃO



rebeldes ou menos conformistas, ou não comprometidos com o Governo, eram reprimidos nas ruas e expulsos de escolas e centros de trabalho cultural ou educativo, outros homossexuais fiéis ao Governo ocupavam importantes cargos de chefia e, por vezes, até funcionavam como inquisidores contra outros homossexuais. Tudo isso vi, vivi e, por tais motivos sociopolíticos, saí de Cuba.

■ *O homoerotismo é assunto que ocupa lugar central na sua produção poética? De que maneira? Lançando mão, por exemplo, de artificios literários que podem (ou não) levar a essa interpretação?*

Essa pergunta talvez deva ser respondida pelos leitores e dependeria muito do poema ou livro meu que eles comentem. Acredito que minha poesia se aventurou em vários temas centrais, como o exílio, a guerra, a identidade, a poesia e até o trágico destino de Cuba. No entanto, pode ser que as questões homoeróticas, ou as questões eróticas em geral para sermos mais abrangentes, tenham sido centrais se considerarmos que o erotismo surge de diferentes formas nas fabulações poéticas. Uma forma, a mais comum, é vista na mera referência sexual ou sensorial a encontros íntimos ou aos corpos sexualizados do desejo físico. Outra forma pode ser menos física, mas também sensorial e emocional, associando-se a figurações estéticas e mesmo idealistas da Beleza (com maiúscula), segundo qualquer arquétipo. Outras formas vinculam a sexualidade com a religião, a política e as práticas e instituições sociais. Mas o mais importante para mim é o erotismo criativo que a voz e a escrita do poeta sentem promiscuamente perante os corpos materiais dos versos e palavras, e perante os corpos abstratos das metáforas e imagens. Esta última é a lição que nos dão Luis de Góngora, Rubén Darío, José Martí, José Lezama Lima e Severo Sarduy. Acredito que todas essas formas de se revelar o erótico estão presentes na minha poesia desde a adolescência, e foram agora o critério de seleção de *A Fundo na Espessura*, seguindo a marca identitária da editora O Sexo da Palavra.

■ *'A Fundo na Espessura', seu mais recente projeto poético, é um compilado de diversos livros seus. Você poderia comentar algumas particularidades do processo criativo de alguns deles?*

Cada livro original teve uma gênese e uma razão de ser diferentes. Sendo

o primeiro e mais novo, inteiramente escrito em Cuba, *Sem Dizer o Mar* abordou temas díspares, embora típicos da juventude, com a questão do corpo aparecendo como descoberta, e inaugurando nas minhas vida e escrita uma visão erótica e afetiva num ambiente considerado inóspito. Curiosamente, quarenta anos depois, *Agulha de Diversos* retoma a mesma temática expansiva de *Sem Dizer o Mar*, porém com um olhar mais experiente e maduro, e ainda se conecta a ele quando dedica sua seção inicial às minhas revisitas à Ilha algumas décadas depois. *Um Não Rompido Sonho* também é tematicamente variado, mas os seus poemas aparecem agrupados segundo um motivo fundamental: corpos, palavras, natureza, pontes como construções unitivas... Fundados em um tema chave foram os outros livros: *Sagradas Heresias* (o assédio intelectual e panssexual contra o anjo rilkeano e as respostas dele), *Naufrágios* (a estranheza existencial de um caribenho das ilhas morando no interior do deserto do Novo México), *Sem Data de Extinção* (a guerra como atividade homosocial masculina em contraste com as restrições — não respeitadas — à prática homossexual masculina), *O Livro dos Heróis* (a revisão sexualizada dos heróis das histórias oficiais), e *O Livro do Desterrado* (as experiências iniciais e iniciáticas do exílio ou banimento). Acho que deste resumo temático dos livros incluídos em *A Fundo na Espessura* se possa deduzir quais as formas de erotismo que prevalecem em cada um deles.

■ *E sobre a tradução dos poemas para a língua portuguesa? Como foi o processo? Teve a sua participação direta? Poderia falar um pouco sobre os tradutores?*

O processo de tradução foi realmente um trabalho de equipe com minha participação direta e constante. Ter uma certa familiaridade com o português me permitiu e facilitou essa mediação. Enquanto viver e puder, tenho interesse em colaborar na tradução da minha poesia, desde que conheça apropriadamente a língua de chegada. Já tinha feito isso com os três tradutores ao inglês do meu livro *Los Viajes Venturosos / Venturous Journeys* (Madrid: Verbum, 2015). E como você diz, a tradução é, na verdade, um “processo”; como tal, não só tem diferentes etapas, mas também deve estar aberto à escuta e à consideração das diferentes opiniões. Além disso, *A Fundo na Espessura* apresentava

uma complexidade formal que não podia ser negligenciada e precisava de várias competências literárias: junto com versos livres e de sintaxe e tom quase conversacionais, meu livro inclui muitos versos com metrificação, sintaxe e tom barrocos que geralmente se revelam mais difíceis de traduzir, já que neles o trabalho geral da tradução se acrescenta com assuntos poéticos de metro, ritmo e rima que o tradutor deve conhecer a partir das histórias literárias das duas línguas. E eu queria que estes assuntos formais fossem reproduzidos de alguma forma semelhante ao português; e acredito que, graças ao esforço da equipe e aos vários tratados de metrificação portuguesa que consultei, isso foi conseguido. Diria mesmo que foi o trabalho de uma super-equipe formada por indivíduos com competências muito diversas: além dos quatro tradutores diretos (Giliard Ávila Barbosa, Fábio Salem Daie, José Antônio Ramos Alves e Lucy Zollner), procurei outras pessoas (José Manuel da Costa Esteves, Tereza Rodrigues Vieira, Aimée G. Bolaños, Maria Salette Magnoni, e você mesma) que, indiretamente, colaboraram ou aconselharam sobre coisas específicas que lhes ia pedindo de acordo com as necessidades do processo, e que incluíam desde questões lexicais ou de apreciação subjetiva de alguns versos, até questões objetivas de metrificação. A antiga frase marxista que dizia “de cada um, segundo suas capacidades” foi-me assim verdadeiramente útil para algo.

■ *A partir de um olhar de editor, fale um pouco sobre a editora O Sexo da Palavra e sua linha editorial.*

A editora O Sexo da Palavra mantém uma linha muito interessante de publicações de livros sobre temas ligados a todas as formas da identidade, seja sexual, afetiva, racial, de gênero, etc. Neste sentido, dispõe de livros impressos e de e-books não só de carácter teórico ou crítico, mas também de criação literária, e arrisca corajosamente com a poesia, mesmo em edições bilíngues, como são os casos de *Erótica Medusa* e *Andante*, da poetisa cubano-brasileira Aimée G. Bolaños, e agora de *A Fundo na Espessura*. Dentro dos seus temas, a editora também realiza um louvável trabalho de resgate, re-avaliação e re-publicação de textos em língua portuguesa que hoje estão esquecidos ou são desconhecidos por serem de difícil acesso. Diante do cancelamento dogmático e desinfor-



mado do passado literário que vemos hoje empoderar-se em determinados espaços culturais e educativos, este trabalho de resgate informado e crítico de O Sexo da Palavra constitui uma excelente contribuição quantitativa e qualitativa – e não redutora – ao cânone das histórias literárias de cada país.

■ *Considerando a extensão do nosso país e, portanto, questões relativas ao mercado editorial como, por exemplo, a circulação dos livros, de que maneira a editora O Sexo da Palavra atua na divulgação de suas publicações?*

A editora mantém vínculos com inúmeras instituições acadêmicas através do seu Conselho. Por isso, está atenta às conferências acadêmicas interessadas em seus temas e divulga nelas seus livros. Até mesmo algumas de suas publicações digitais são de acesso gratuito.

■ *'A Fundo na Espessura' já tem data e local marcados para lançamento aqui no Brasil?*

Tem, sim. Acontecerá no marco do 6º Seminário Internacional "Desfazendo gêneros", que se celebrará em Vitória da Conquista, estado de Bahia, entre 10 e 14 de novembro de 2023. Nesse mês esperamos fazer outras apresentações em São Paulo e Rio Grande do Sul, por enquanto.

\* \* \*

A seguir apresentamos dois poemas de Jesús J. Barquet escritos originalmente em língua espanhola e traduzidos para o português por Antônio Miranda, com sugestões de José Antônio Ramos Alves e do próprio Barquet.

## Afogados

*Ela não conhecerá os formosos afogados  
sustentando a plataforma marinha da ilha.*

TERESA MELO

Como cubano de hoje, acho muito difícil falar candidamente dos afogados. Impossível esquecer que esses formosos afogados nossos que emergem para avisar-nos do reino submarino em que irredentos dormitam, alguma vez foram num bairro de Havana — ou de San Antonio a Maisí — o filho de uma professora, a neta de um jornalista, o sobrinho de um iludido que queria consertar o inconsertável, as primas de um pedreiro que há décadas deixou de construir o que afinal sabe que jamais será seu e muito menos do povo em liberdade, embora seguem a lhe dizer o contrário.

Em nada formosos — óbvias razões me impedem melificar —, esses afogados que ascendem com retalhos de ramos inaudíveis e tapetes de algas curtidas pelos sais que rodeiam a Ilha, esses rostos centrífugos do desespero

com que chegaram no fundo das águas, não constituem um fruto natural do país nem dos cantos de sereias do Norte, senão uma vergonhosa sequela do arcaico e contínuo trauma nacional.

E contrariados, querem nos advertir que não sustentam nenhum andaime insular, senão que seus naufragos dentes, unhas e ossos — cativos da escassa consciência cidadã e da impunidade do Estado — são a própria plataforma marinha, a mancha no também difícil sol de nosso mundo moral.

Talvez os que alguma vez sobrevivemos ao mar regressemos um dia, mas eles *nunca mais, nunca mais...*

**Analice Pereira**, é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

## Breve história da humanidade (roteiro de filme)

É um salão enorme como num filme famoso de Orson Welles, salão de luxo monárquico ou talvez desolado e com pretensão metafísica, como em vários planos-sequências de Tarkovski, e a gente está ali sentado — eu mesmo ou você —, não saberia dizer se cansado ou em espera de algo que resulta já irrelevante, e ao final do enquadramento uma escada branca de mármore ou qualquer outro material parecido, e além disso o silêncio ou, quase imperceptível, um rumor de chuva caindo de uma cornija, como em tantos filmes de samurais, e outra vez você — ou eu mesmo — observando como

de repente a Vida — envelhecida, em traje de luto — aparece no alto da escadaria, e com justificado desdém por tudo o que se reflete pertinaz em seus olhos, impudica como uma árvore, desce pela escada, como num drama sulista de Tennessee Williams.

(E ainda adoráramos ir para Marte.)



# A ladeira de Vieira

**Adhailton Lacet Porto**  
Especial para o *Correio das Artes*

No campo da literatura ficcional realmente existem escritores imortais. Não me refiro àqueles que compõem academias de letras, mas aos que escreveram obras que se tornaram clássicas e, ainda hoje, são reeditadas. Um exemplo no Brasil é o unânime Machado de Assis. No resto do mundo, temos muitos imortais. Autores que eram muito lidos em sua época e, mesmo depois de mortos, continuaram sendo a principal fonte de renda de alguns editores.

Existem, também, aqueles autores que foram campeões de venda em sua época, verdadeiros *best sellers*, e que hoje são completamente esquecidos. Como também outros que foram ignorados enquanto vivos e, depois de mortos, conquistaram o reconhecimento de suas obras, a exemplo do nosso paraibano genial Augusto dos Anjos. Exemplo dos esquecidos temos Humberto de Campos, Carlos Eduardo Novaes e Neymar de Barros. Não querendo dizer que esteja nivelando o valor literário de suas obras, apenas enfatizando que vendiam muito.

Outro exemplo de autor de incontestável envergadura literária, de escrita pungente, reconhecido pelos seus pares e cujo livro *A Ladeira da Memória* (1950), saiu em primeira edição com tiragem de 45 mil exemplares, é José Geraldo Vieira. Não sei se sua obra é estudada na universidade. Vieira nasceu nos Açores e veio para o Brasil com poucos meses de vida. Foi médico no Rio de Janeiro e, também, formou-se em Ciências e Letras. Morou em Paris e Berlim. Escreveu outras obras e traduziu Dostoiévski, Tostói, Stendhal e James Joyce.

Sobre José Geraldo Vieira escreveram grandes poetas, escritores e críticos de sua época, a exemplo de Manuel Bandeira, que disse que ele – Vieira –, era “mestre da prosa de língua portuguesa”; Érico Veríssimo enfatizou que “aqui está o grande mestre do romance brasileiro de hoje”; O baiano Jorge Amado ressaltou que “poucos romancistas contribuíram com tanta coisa nova para a novelística brasileira quanto José Geraldo Vieira. Não sei de figura mais nobre no cenário atual de nossa literatura”.

Por sua vez, o grande estudioso da literatura brasileira, Otto Maria Carpeaux, sentenciou: “Não pode ser comparado a nenhum outro romance brasileiro, nem a Machado nem a Graciliano que admiro tanto. É outra espécie. E acho que a renovação futura da arte do romance no Brasil partirá do seu livro – ou então não se renovará nada”. Sérgio Milliet vaticinou que o romance de Vieira “rompe as fronteiras da simples narração”, de onde vem “o valor profundo de sua obra”.

Quem quiser conhecer a obra de José Geraldo Vieira, a editora Sétimo Selo relançou *A Ladeira da Memória* em 2021 (desta feita com tiragem inferior aos iniciais 45 mil exemplares), e então o leitor poderá extrair suas abalizadas conclusões - se achar que os depoimentos acima transcritos são apenas confetes de confrades literários ou integrantes de igrejinhas bajulatórias. Importante é que você possa subir ou descer a ladeira de Vieira.

**Adhailton Lacet Porto**, nasceu em João Pessoa-PB, onde mora. É magistrado. Escreve crônicas e contos para o portal MaisPB e Diário de Pernambuco. Integra a União Brasileira de Escritores – UBE-PB e o Clube do Conto da Paraíba. É vice-presidente da Academia Estudantil Cabedelense Infantojuvenil de Letras e Artes – AECIJAL-LITORÂNEA. Publicou o livro *OS DITOS DO QUIÇÁ* (Arribaçã Editora, 2ª edição, 2022).

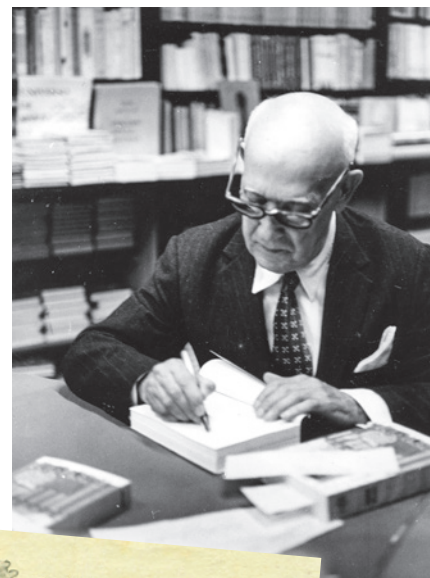


FOTO: ARQUIVO/ESTADÃO CONTEÚDO



IMAGEM: REPRODUÇÃO

José Geraldo Vieira (no alto) e a capa do seu best seller 'A Ladeira da Memória', na nova edição da Sétimo Selo: autor reverenciado por nomes como Manuel Bandeira e Jorge Amado

**Viera nasceu nos Açores e veio para o Brasil com poucos meses de vida. (...) Traduziu Dostoiévski, Tostói, Stendhal e James Joyce**





**Hildeberto Barbosa Filho**

hildebertopoesia@gmail.com



**convivência crítica**

# O olhar dos juristas e a Semana de Arte Moderna

O direito é como a poesia: está em tudo. Desde “que o mundo é mundo, e, enquanto o mundo seja mundo, deverá existir”, diz Francesco Carnelutti, num pequenino, porém, denso ensaio, intitulado *Arte do Direito*.

Como a poesia, atravessa, por dentro, o corpo das relações humanas e sociais, quer no plano coletivo, quer na esfera individual.

Se teoria, se doutrina, se costume, se jurisprudência, se norma, se fato, se valor, não importa. Em qualquer de suas fontes, em qualquer de suas intervenções, há, sempre, no direito, um olhar voltado para os homens e as coisas, na perspectiva do justo e do equilíbrio, assim

mesmo como ocorre com o olhar poético, detido, sobretudo, no equilíbrio e na justeza das palavras dentro do espaço do poema.

Enquanto saber, o direito apalpa a tessitura do desejo e dos interesses, dialogando, assim, com a pluralidade dos saberes, a se constituir, portanto, num enfoque singular que ordena, interpreta e julga os atos, os procedimentos, as situações em que os organismos, naturais e culturais, estabelecem relações dentro do primado da vida.

Alguém já disse: “Quem só sabe o direito, nem o direito sabe!”. Sim, porque o direito, como a poesia, como a literatura, como a arte, como todo saber, está marcado pela transversalidade dos sentidos. Seu modo de apreciar e mensurar os fenômenos alarga e aprofunda a dimensão com que as coisas podem ser investigadas. Existe uma história por trás das leis e da doutrina, assim como uma filosofia, uma ciência política, uma economia, uma ecologia, uma ética e uma estética, a se cruzarem no tentamen de compreender formas e conteúdos no interior dos processos cognitivos.

Destaco, aqui, e por injunção desse lançamento que traz a público a obra, *Preito à Semana de Arte Moderna* (João Pessoa: Ideia, 2022), organizada por Eitel Santiago de Brito Pereira, Ademar Azevedo Régis e João Bosco Medeiros de Souza, a interconexão possível entre o direito e a literatura, a despeito de suas diferenças metodológicas e epistemológicas, embora convicto de que esses saberes se aproximam um do outro, ou, um com o outro, como duas maneiras de agir sobre a esfera humana, por meio da linguagem e do discurso.

Vejo com bons olhos o olhar de juristas para a fenomenologia literária. Seja pelo viés intrínseco de uma visada estética a capturar os meandros técnico-formais, ideológicos e estilísticos do texto literário, claro, na possibilidade



Entre ensaios  
ligeiros e  
abordagens  
acadêmicas, 17 textos  
fazem a interconexão  
entre direito e literatura





Eitel Santiago, Adelmar Régis e João Bosco Medeiros (da esq. p/ dir.), organizadores de 'Preito à Semana de Arte Moderna' que tem, por assunto, o papel histórico, a significação cultural e artística, e os desdobramentos da Semana de Arte Moderna de 1922

da modulação jurídica, seja pelo viés extrínseco, já, agora, em torno de dados históricos, movimentos, eventos, curiosidades, que sempre podem alargar a visão e o entendimento dos acontecimentos da vida literária.

Diria que, desde os estudos do jurista norte-americano, Boyd White, com seu livro *The Legal Imagination*, de 1973, as relações entre direito e literatura formalizaram uma linha de pesquisa que se expandiu pelos centros acadêmicos como uma reação ao positivismo jurídico dominante até os anos 60 do século passado, uma vez que propõe e promove uma concepção do direito enquanto disciplina das humanidades. Segundo Helena Buescu, Cláudia Trabuco e Sônia Ribeiro, em Introdução ao volume *Direito e Literatura: mundos em diálogo* (Coimbra: Almedina, 2010), tais estudos, tendo “começado por uma perspectiva hermenêutica, [...] prosseguiram o seu curso no sentido de aproximar o sistema jurídico de uma dimensão ética literária”.

Creio que é o que se faz, senão em todos, mas em alguns dos ensaios que comportam a proposta inovadora desse livro coletivo que tem, por assunto, o papel histórico, a significação cultural e artística, os desdobramentos e o legado da Semana de Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, em 1922, momento emblemático, instância decisiva e ponto de cristalização do grande e diversificado movimento

modernista que se disseminava pela Europa, pelas Américas e, no que nos toca em especial, pelo Brasil adentro.

São 17 textos, entre ensaios ligeiros e abordagens mais acadêmicas, assim distribuídos nos seus títulos e respectivos autores: “O arauto do modernismo” (Rita de Cássia Alves Ramalho Silva); “O sentido revolucionário na Semana de Arte Moderna” (Eitel Santiago de Brito Pereira); “A Semana de Arte Moderna” (Carlos Pessoa Aquino); “A Semana de Arte Moderna: São Paulo, 1922” (João Bosco Medeiros de Souza); “Futurismo iconoclasta” (Josinaldo José Fernandes Malaquias); “Semana de Arte Moderna: breves comentários (Everaldo Dantas da Nóbrega); “Uma semana para os séculos” (Ovídio Lopes de Mendonça); “Em busca de um escola de arte para o século XXI” (Márcio Flávio Lins de Albuquerque e Souto); “São Paulo se movimenta ao barulho modernista” (Alberto Jorge Dantas Sales); “O retrato da Justiça na obra *Canaã*, de Graça Aranha” (Adelmar Azevedo Régis); “Estudo literário sobre a Semana de Arte Moderna de 1922” (Jairo Rangel Targino); “Algumas passagens no movimento regional” (Alexandre de Luna Freire); “1922: a Semana de Arte Moderna ‘eternizou-se’” (Cleanto Gomes Pereira); “Um olhar na Semana de arte de 1922” (José Fernandes de Andrade); “Desdobramentos da Semana de Arte Moderna: do estabelecimento do marco formal do modernismo pátrio à proteção do patrimônio artístico e

cultural brasileiro” (Luciane Gomes); “A influência da cultura europeia e do sistema político vigente no Brasil na Semana de Arte Moderna no século 20” (Maria da Glória Virgínio Barbosa), e “A importância da missão das pesquisas folclóricas de 1938” (Onaldo Rocha de Queiroga).

A APLJ – Academia Paraibana de Letras Jurídicas, com esse empreendimento de seus sócios efetivos, vem, assim, se irmanar a uma série de homenagens, oficiais ou não, prestadas, no Brasil inteiro, por instituições, editoras, coletivos, governos, imprensa, mídias em geral, ao centenário da Semana de Arte Moderna. Com isto, instiga seus participantes a saírem de sua experiência específica no universo dos tribunais para os embates heurísticos com temas de áreas afins, ou, por outro lado, o que me parece mais atraente e fértil do ponto de vista da reflexão teórica, assestarem seus instrumentos jurídicos na captura particular dos deslocamentos e das condensações que movem o tecido da coisa literária.

Teríamos, por conseguinte, uma tipologia de textos dividida em duas modalidades. O olhar do jurista como leitor, com a base teórica do direito, e o olhar do jurista como leitor, sem a munição que o direito poderia lhe dar.

Vou comentar a primeira tipologia.

Rita de Cássia Alves Ramalho Silva traz à tona o tema dos direitos humanos, inserindo, em sua pauta, a arte, e,



dentro da arte, a literatura. Destacando o papel de liderança de Mário de Andrade no movimento modernista e sua presença decisiva na Semana de Arte Moderna, conclui pela pertinência do legado, certamente consubstancial ao que o autor de *Pauliceia desvairada* deixou consignado na célebre conferência que pronunciou na Biblioteca do Itamaraty, em 1942, como uma espécie de balanço analítico do movimento, isto é: “O direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira, e a estabilização de uma consciência criadora nacional”.

Embora inscreva seu objeto formal de estudo no terreno da poesia, preocupado com suas incidências “revolucionárias”, Eitel Santiago de Brito Pereira, não foge ao cotejo entre arte e direito, evocando a famosa ópera *Carmen*, de Bizet.

A tragédia é vista em seus aspectos dramáticos, melódicos e literários, não obstante associados aos elementos jurídicos, sobretudo de natureza penal, que permeiam os lances e conflitos dessa dolorosa história de amor. Verificando como o direito se imiscui na geografia dos sentimentos humanos, o ensaísta desloca o fato de seu contexto para o subsumir à lógica do direito penal brasileiro, ao mesmo tempo em que sugere, ao leitor, uma série de questões a serem respondidas, considerado o ato criminoso que resulta da tragédia.

A representação da justiça, através dos operadores do direito (juízes, promotor, advogados, escrivão e oficial de justiça) é analisada por Ademar Azevedo Régis no romance *Canaã*, de Graça Aranha, publicado em 1902.

**Direito e literatura podem se fundir na verdade, na beleza da palavra e no conhecimento da condição humana**



FOTO: WERTHER SANTANA/ESTÁDIO CONTEÚDO

Imagem do Teatro Municipal de São Paulo na década de 1920, onde ocorreu a Semana de Arte Moderna: momento emblemático, instância decisiva e ponto de cristalização do grande e diversificado movimento modernista

Se esta narrativa do escritor maranhense não se localiza em circunstâncias estéticas derivadas da Semana de Arte Moderna, integra, no entanto, a dialética do percurso modernista que vinha se desenvolvendo desde o começo do século 20, em torno das tensões entre a identidade nacional e a influência estrangeira, a levarmos em conta sua arquitetura temática e formal.

Depois de resumir o enredo da referida obra, salientar as ações dos personagens, indaga-se a respeito da imagem da justiça materializada na criação literária, para concluir, de forma taxativa, nos seguintes termos: “Digo sem medo de errar: que é a mais desfavorável possível. Nela temos a descrição de uma justiça cara, corrupta, parcial, formalista, desigual e preconceituosa”. Ao que acrescenta, mais à frente, arrematando suas reflexões, uma série de perguntas que sinalizam, na viabilidade de suas respostas, para a atualidade dessa imagem.

Nesse ensaio, dos mais interessantes, fica claro como a literatura pode servir, no âmbito de sua *mathesis*, isto é, dos seus saberes, conforme sugere Roland Barthes, em *Aula*, para uma crítica do direito, assim como o direito pode servir para uma compreensão mais elástica da literatura.

Luciane Gomes, por sua vez, aponta para a contribuição que a Semana de Arte Moderna trouxe para o regramento e a proteção do patrimônio artístico e cultural brasileiro. Recuperando a famosa viagem que os modernistas, acompanhados de Blaise Cendrars, fizeram pelo interior do Brasil, em 1924, demonstra como a descoberta da arte arquitetônica e pictural, sobretudo do barroco

mineiro, sedimentada nas nossas raízes originais, ensejou a criação da Sociedade dos Amigos dos Monumentos Históricos do Brasil, mais tarde o advento do Departamento do Patrimônio Artístico do Brasil, entidades essas que podem ser consideradas, hoje, as precursoras do IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A sugestão que resulta de ensaios como este remete para uma relação extrínseca do direito com a arte, na medida em que o corpo normativo disciplina, cuida e protege os bens artísticos materiais e simbólicos enquanto documentos vívidos de nossa identidade cultural.

O direito do autor, a disciplina de certas estratégias editoriais, o direito à criação artística, o direito à liberdade de expressão, assim como os assuntos, os temas e os motivos jurídicos que aparecem no âmbito das obras literárias constituem uma das modalidades de aproximação do direito e da literatura, ou da literatura e do direito, no seu sentido externo, científico e cultural.

Aproveito a oportunidade, aqui, para chamar a atenção do leitor para uma outra modalidade, esta de natureza interna, envolvendo dispositivos técnicos e estilísticos do discurso e da linguagem. Penso, sobretudo, naque-



las situações expressivas em que a linguagem jurídica assimila ingredientes específicos da linguagem literária, ou, numa perspectiva antagônica, quando a linguagem literária se apropria dos ritos e táticas da linguagem jurídica.

Eis um campo fértil de estudos e pesquisas dos mais sugestivos para verificarmos como o direito e a literatura podem se fundir na riqueza, na verdade, na beleza da palavra e no conhecimento da condição humana.

Volto à proposta da obra ora lançada, para me centrar na segunda tipologia, isto é, aquela dos juristas que se debruçam sobre a Semana de Arte Moderna sem os protocolos filosóficos e científicos do direito.

Em geral, diria que todos eles, a par das diferenças de percepção e dentro de suas possibilidades e limites cognitivos, procuram trazer sua contribuição ao debate, atentos a estes ou àqueles aspectos históricos e artísticos próprios do evento ou de seus antecedentes, heranças e desdobramentos.

Muitos dos tópicos tratados pela história e crítica literárias são retomados, o que me faz considerar que a exegese em torno das ideias disseminadas pela Semana de Arte Moderna ainda não se esgotou. A bem dizer, esse centenário recupera, com novas vestimentas e com novos olhares, certos percursos ainda inexplorados, ao mesmo tempo em que abre novas perspectivas de leitura e interpretação.

A ideia do ano emblemático, 1922; a ideia da Semana como um divisor de águas e a visão crítica e irônica de Ruy Castro, em seu livro *Metrópole à Beira-mar*, ocupam as reflexões de Carlos Pessoa de Aquino. O vínculo com as vanguardas europeias, a descrição das três noites de fevereiro (13, 15, 17) e a tentativa de reconhecer um legado aparecem no texto de João Bosco de Medeiros de Souza. Futurismo, racismo e modernismo passam pelo crivo sociológico e filosófico da instigante leitura de Josinaldo Malaquias.

Everaldo Dantas da Nóbrega, a seu turno, retoma os traços libertários da Semana de Arte Moderna, sobretudo no que concerne à prática estética. Ovídio Lopes de Mendonça enumera suas figuras principais (os Andrades, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Manuel Bandeira, Guimar Novaes e outros).

Os fundamentos de uma nova arte, já para o século 21, embora com embriões nas propostas de 1922, exibem-se na

meditação de Márcio Flávio Lins de Albuquerque e Souto. Voltado para a matriz da “atualização intelectual da consciência nacional”, Alberto Jorge Dantas Sales elenca algumas obras dos participantes da Semana, identificando seus espaços de localização na atualidade. Jairo Rangel Targino assinala e resume as características de uma possível estética modernista, destacando suas inovações e contribuições para a cultura e a arte brasileiras.

Alexandre Costa de Luna Freire se atém às suas repercussões regionais, procurando inserir alguns escritores paraibanos, a exemplo dos poetas Perylo Doliveira e José Saldanha, e do ensaísta Alcides Bezerra, dentro da tradição modernista. Focando suas contradições e relembrando a importância de outros movimentos, como o Modernismo Regionalista de Gilberto Freyre, Cleanto Gomes Pereira, em que pese certa visada crítica em face do emblemático acontecimento de 1922, no entanto, conclui pela permanência de seus postulados artísticos, com este sugestivo sintagma titular: “A semana que ‘eternizou-se’”.

José Fernandes de Andrade traz à tona seus antecedentes e suas efeitos, especialmente na Paraíba, citando os nomes de Santa Rosa, Perylo Doliveira e Anayde Beiriz. A influência europeia e as conexões com o sistema político vigente permeiam o discurso de Maria da Glória Virgino Barbosa. Finalmente, Onaldo Rocha de Queiroga aborda as contribuições da Missão Folclórica de 1938, salientando o papel de Mário de Andrade na catalogação dos nossos ritmos musicais, com ênfase, sobretudo, no repertório paraibano.

Uns mais descritivos, outros mais reflexivos, esses ensaios, frutos de alguns membros da APLJ – Academia Paraibana de Letras Jurídicas, efetivamente passam a integrar, não só as efemérides em torno do centenário da Semana de Arte Moderna, mas também o rico e diversificado acervo bibliográfico de

sua fortuna crítica. Principalmente se leve em conta o olhar jurídico a sondar a riqueza ambivalente do texto literário ou os paradoxos históricos dos movimentos culturais e artísticos.

Citei Franscesco Carnelluti no início desta Apresentação. E o cito novamente, agora, para elucidar o meu raciocínio. Há certa altura de seu ensaio, afirma o jurista italiano: “Direito, pois, não consiste no ordenamento senão no que ordena, quer dizer que une ou, de uma maneira mais realista, que liga; e, portanto, é uma força”.

Esta ideia do direito como força unificadora me atrai na perspectiva da leitura literária. Força, mais que ciência ou saber. Enquanto o saber ou a ciência vivem a expectativa das certezas, em certo sentido, uma experiência da juventude, a força, por sua vez, possui outra dinâmica, outro movimento. O movimento secreto das aproximações. Entre o direito e a literatura.

Por isto mesmo, mais uma vez recorro ao autor de *Arte do Direito*, para concluir minhas palavras com as suas, estabelecendo a diferença entre a juventude e a velhice do jurista, ao mesmo tempo em que sinaliza, e sinaliza literariamente, para as múltiplas relações entre o direito, a arte e a literatura:

“{...} O jovem tinha fé na ciência: o velho a perdeu. O jovem acreditava no saber; o velho sabe que nada sabe. {...} O jovem contentava-se com o conceito científico de direito; o velho sente que neste conceito perde-se seu impulso e seu drama, e, portanto, sua verdade. O jovem queria os contornos cortantes da definição; o velho prefere os matizes da comparação. O jovem não crê senão no que via; o velho não crê mais no que não pode ver. O jovem estava à esquerda; o velho passou à direita da ponte. E para representar esta terra, onde os homens se amam e amando-se conseguem a liberdade, tampouco serve à poesia; o jurista quis ser o músico para fazer com que os homens sintam este encanto”.

**Hildeberto Barbosa Filho** é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu à pena'. Mora em João Pessoa (PB).





## Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos (Parte 4)

Dando continuidade à série *Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos*, enfocaremos neste ensaio o verbete *plasma*. Por duas vezes, no *Eu*, Augusto dos Anjos se utiliza do termo *plasma*, uma em 'Monólogo de uma sombra' (estrofe 15, verso 86), outra em 'Os doentes' (Parte 5, estrofe 59, versos 233), cujos versos transcreveremos mais adiante.

Ernst Haeckel, em *Os Enigmas do Universo* (1902), convicto de que a vida orgânica começa com o *plasma vivo*, apresenta-nos uma teoria *cosmogenética*, desde a explosão e a separação das massas nebulosas do Sol à primeira formação de uma fina crosta na superfície dos planetas rochosos, como é o caso da Terra, permitindo que, a partir da constituição de uma síntese de combinações inorgânicas simples – *água, ácido carbônico e amoníaco ou ácido azótico* (Capítulo 15 – 'Deus e o Mundo' –, p. 323, tradução nossa do francês) –, recebendo a incidência da luz do sol, acontecesse o momento propício para o surgimento da vida, da qual o plasma é elemento essencial (Capítulo 20 – 'Solução dos enigmas do Universo', p. 423):

“Torna-se, por conseguinte, possível ao *ácido carbônico*, aqui [referência aos outros planetas] como na terra, formar com os outros elementos combinações muito complexas e entre estes compostos azotados pode se desenvolver o plasma, essa maravilhosa *substância viva*, que nós temos reconhecido concentrar em si todas as propriedades da vida orgânica.”

Já em *O Monismo, Profissão de Fé de um Naturalista* (1905, tradução nossa do francês), Haeckel afirma que após um processo de arrefecimento, permitindo a criação de condições para a existência de vida orgânica, e da combinação do carbono a outros elementos, dá-se o surgimento da “primeira monera”, proveniente de “uma pequena pasta de plasma”, que “ultrapassa os limites da coesão e do crescimento individual, e se divide e, duas metades semelhantes”, originando “a vida orgânica e a sua função própria, a hereditariedade” (p. 30). A formação da primeira célula orgânica dá-se, então, no plasma da mo-

nera, cujo núcleo central se torna mais denso, em meio a uma massa mais mole, diferenciando núcleo e protoplasma.

Quando se refere à consciência como “a função mais perfeita do sistema nervoso central” (idem, 1905, p. 36), Haeckel afirma que “a consciência é do mesmo modo da sensação e da vontade dos animais superiores, um trabalho mecânico das células ganglionares e, como tal, reduz-se a um processo físico e químico no seu plasma” (idem, p. 37). Saindo da consciência para a alma, Haeckel afirma que esta “é um conjunto de vibrações do plasma das células ganglionares” (idem, p. 74).

Voltando ao livro *Os Enigmas do Universo*, Haeckel define melhor o que ele entende por alma, com relação aos seres vivos – “um fenômeno da natureza” (Capítulo 6 – 'Da natureza da alma', p. 104), cuja “soma de fenômenos vitais estão ligados a um substratum material preciso”, o *psicoplasma*, que ele conceitua como “um desses compostos de carbono, desses albuminoides que estão na base de todos os processos vitais” (idem, p. 105). É no Capítulo 7 ('Graus na hierarquia da alma') que Haeckel define “a alma como um conceito coletivo designando o conjunto das funções psíquicas do plasma”, cuja substância e suporte indispensável é o *psicoplasma*, diferenciado do sistema nervoso, o *neuroplasma* (idem, p. 128)

A primeira referência de Augusto dos Anjos a *plasma*, conforme já dissemos, se encontra em “Monólogo de uma Sombra” (estrofe 15, versos 85-90, itálico nosso):



E foi então para isto que esse doudo  
Estragou o vibrátil *plasma* todo,  
À guisa de um faquir, pelos cenóbios?!...  
Num suicídio graduado, consumir-se,  
E após tantas vigílias, reduzir-se  
À herança miserável dos micróbios!

Esta estrofe é o final da apresentação de uma das vivências da *Sombra*, o *Filósofo Moderno* (estrofes 7-15), prenunciando a sua segunda parte, o *sátiro peralta* (estrofes 16-27). A *Sombra*, na sua condição imaterial e atemporal, apresenta-se como produto da evolução da espécie – “Venho de outras eras,/Do cosmopolitismo das moneras.../Pólipos de recônditas reentrâncias,/Larva do caos telúrico, procedo/Da escuridão do cósmico segredo,/Da substância de todas as substâncias” (versos 1-6), – mostrando-se, como se pode ver, neste último verso, um produto do plasma vivo inicial, como início da vida, ou do *prótilo* (ou *protilo*, conforme utiliza o poeta), a substância primeva do universo, que permite a formação dos elementos químicos.

A *Sombra*, em sua condição imaterial, “Pairando acima dos mundanos tetos” (verso 13), já não conhece a velhice, “o acidente da *Senectus*” (verso 14). Não sendo, portanto, mais desse mundo, ela pode revelar-se na sua evolução da monera ao homem, tendo passado pelo estágio de “animal inferior que urra nos bosques” (verso 29). O que interessa à *Sombra*, no entanto, é a condição humana antes assumida por ela, em vida material, e agora submetida a uma análise acurada de suas possibilidades, o *Filósofo Moderno* e o *sátiro peralta*, os dois extremos de sua condição material humana.

No primeiro caso, o do *Filósofo Moderno*, a *Sombra* mostra que todo o seu esforço foi no sentido de compreender “a vida fenomênica das Formas” (verso 44), sem procurar compreender a sua substância. Preocupado com a matéria, o *Filósofo* gasta a sua vida, gasta o que permite o fenômeno da criação da vida – “o vibrátil plasma” –, pois a vida é movimento para criar, não estagnação.

Haeckel, ainda em *Os Enigmas do Universo*, distingue cinco graus desse movimento, atribuindo maior importância ao quinto, porque são “fenômenos de contração, isto é, as mudanças de forma da superfície do corpo que estão ligadas a modificações recíprocas de posição de suas partes; elas se produzem sempre atravessando dois estados diferentes ou fases do movimento: a fase de *contração* e a de *expansão*”. Das quatro formas distintas de concentração do *protoplasma*, chamamos a atenção para o terceiro (letra “c”), que Haeckel chamou “os movimentos vibráteis (movimento de um

flagelo ou de cílios entre os Infusórios, os Espermatozoides, as células do epitélio com cílios vibráteis. (Capítulo 7 – ‘Graus na hierarquia da alma’, p. 131).

O “vibrátil plasma” parece-nos uma forte referência ao espermatozoide, aí como uma metonímia do ser humano. Após todo o esforço feito pelo espermatozoide que conseguiu, num processo de “*Quimiotropismo erótico*”, movendo-se “por meio de seu flagelo vibrátil” (Capítulo 8 – ‘Embriologia da alma’, p. 163), alcançar o óvulo e fecundá-lo, o homem em que se torna acredita poder isolar-se na materialidade.

Vê-se, portanto, como Augusto dos Anjos utiliza a teoria monista de Haeckel para ir à essência do desperdício do *Filósofo Moderno*, cuja atividade meramente voltada para a matéria termina por consumi-lo em “suicídio graduado”, reduzindo-o à matéria de que tanto se ocupou – “A herança miserável de micróbios”. Sendo, portanto, um ser vivo, de substância orgânica, o *Filósofo* parece se fundir à materialidade que ele busca compreender, sem dar-se conta de que, como ser vivo, deveria deixar algo mais do que o retorno ao mundo inorgânico, depois de morto. Uma memória que esteja além da “engrenagem de vísceras vulgares” (verso 69). O desperdício do plasma vibrátil leva ao estrangulamento “dentro da matéria” da “sonoridade potencial dos seres” (versos 65-66). O *Filósofo Moderno* nada deixa, dele não há memória, não se reproduz, portanto. Parece Haeckel falando:

“Só os plastídulos *vivos*, moléculas individuais do plasma ativo, se reproduzem e possuem assim a memória: eis a diferença essencial entre a natureza orgânica e a inorgânica” (idem, p. 139).

Não podemos descartar nessa interpretação, referendada pelo veio espiritual que há na poesia de Augusto dos Anjos, a doutrina espírita (veja-se a referência ao “suicídio graduado” do *Filósofo Moderno*...), para a qual o plasma é um fluido, o quarto e mais comum estado da matéria, sendo um meio eletricamente neutro, de partículas positivas e negativas, cuja carga total é aproximada de zero. Aqui, em ‘Monólogo de uma Sombra’, *plasma*

está com o sentido de energia espiritual, tendo em vista a sua ligação com os faquires. Sobre o *plasma*, o espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier, em *Missionários da Luz*, livro de 1945, diz o seguinte:

“O corpo humano é também um patrimônio herdado há milênios e que a humanidade vem aperfeiçoando, através dos séculos. O plasma, sublime construção efetuada ao influxo divino, com água do mar, nas épocas primitivas, é o fundamento primordial das organizações fisiológicas.

– Por isso mesmo, não desconhece você que, enquanto nos movimentamos na esfera da carne, somos criaturas marinhas respirando em terra firme. No processo vulgar da alimentação, não podemos prescindir do sal; nosso mecanismo fisiológico, a rigor, se constitui de sessenta por cento de água salgada, cuja composição é quase idêntica à do mar, constante dos sais de sódio, de cálcio, de potássio. Encontrasse, na esfera de atividade do homem reencarnado, o sabor do sal no sangue, no suor, nas lágrimas, nas secreções. Os corpúsculos aclimatados nos mares mais quentes viveriam à vontade no líquido orgânico” (p. 230-231).

Para nós, a partir da leitura do trecho acima, fica clara a relação existente entre o plasma gasto de modo inútil e o *polipo* do início do poema, corroborada pelo que o espírito André Luiz diz, no livro *Evolução em Dois Mundos* (1958), a respeito do *plasma*:

“E é ainda aí, pelo mesmo teor de semelhante saturação, que vamos entender as demonstrações do faquirismo e outras realizadas em sessões experimentais do Espiritismo, nas quais a mente superconcentrada pode arremessar fluidos de impulsão sobre vidas inferiores, como seja a das plantas, imprimindo-lhes desenvolvimento anormal, e explicar fenômenos de materialização mediúnic. Neste



**O eu-lírico de  
Augusto dos  
Anjos, em um  
dos seus poemas  
mais densos, 'Os  
doentes', percebe  
o milagre da  
vida a partir da  
condensação  
do éter**

caso, sob condições excepcionais e com o auxílio de Inteligências desencarnadas, o organismo do médium deixa escapar o ectoplasma ou o plasma exteriorizado, no qual as células, em tonalidade vibratória diferente, elaste-cem-se e se renovam, de conformidade com os moldes mentais que lhes são apresentados, produzindo os mais significativos fenômenos em obediência ao comando da Inteligência, por intermédio dos quais a Esfera Espiritual sugere ao Plano Físico a imortalidade da alma, a caminho da Vida Superior” (2011, p. 50).

A segunda alusão a *plasma* encontra-se em 'Os doentes' (Parte V, estrofe 59, versos 231-234, itálico nosso):

A vida vem do éter que se condensa,  
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma  
É a esfera microscópica do *plasma*  
Fazer a luz do cérebro que pensa.

Vê-se aí uma concepção bem mais trabalhada, no sentido da criação da vida associado à composição do cosmos, preenchido completamente pelo *éter*, conforme apregoa Haeckel. O *plasma* se origina, como já vimos, a partir da composição do carbono com outras substâncias, formando uma pasta, “a esfera microscópica do plasma”, de que surgirá a primeira monera, de onde provém a vida, após a condensação do éter. Com a formação do sistema nervoso, o plasma se transforma em *neuroplasma* e, mais uma vez, diferenciando-se, origina o *psicoplasma*, “a luz do cérebro que pensa”.

O eu-lírico de Augusto dos Anjos, em um dos seus poemas mais densos, 'Os doentes', percebe, portanto, o milagre da vida a partir da condensação do éter, porém o que o maravilha e extasia é o duplo milagre de ser uma vida que pensa. A esperança de redenção do homem existe, pois. A sua capacidade de refletir sobre si mesmo e de aprender com o sofrimento poderá levá-lo a uma evolução espiritual, etapa posterior e mais graduada da evolução da espécie, preconizada nas estrofes finais desse poema.

Haeckel vê o éter como o produtor, pela ondulação, de todos os fenômenos de luz e calor, de eletricidade e de magnetismo, cujos átomos, dotados de uma “força intrínseca de repulsão”, fazem oposição à “força de atração inerente aos átomos da matéria ponderável”, o que “explicaria toda a mecânica

da vida universal” (1905, p. 22-23). É a partir dessa teoria que Haeckel concebe “o éter universal e móvel” como “divindade criadora” oposta à “massa inerte e pesada, matéria da criação” (idem, p. 24).

Nos animais superiores o *psicoplasma* transformou-se em “*neuroplasma*: a substância nervosa”, de base material, sem que exista “algum ‘mundo espiritual’ situado fora e acima da natureza”. Os fenômenos “da vida da alma estão submetidos à lei suprema que governa tudo: à lei de *substância*”. Todo os processos psicológicos nos seres vivos...

“...se passam no *plasma* celular, mudanças físicas e químicas que se explicam em parte pela *hereditariedade*, em parte pela *adaptação*. Mas é preciso dizer também da atividade física superior, dos animais superiores e do homem, da formação das representações e das ideias, dos fenômenos maravilhosos da razão e da consciência. Pois estes provêm, por desenvolvimento filogenético, daqueles e o que os leva a essa altura, é somente o grau superior de integração ou de centralização, de associação ou de síntese de funções até então separadas” (*Os Enigmas do Universo*, 1902, Capítulo 6 – 'Da natureza da alma' – p. 105-6).

Vemos, assim, que a necessidade de um léxico crítico para Augusto dos Anjos, dá-se, sobretudo, pela inquestionável composição helicoidal de seus poemas, em que os termos científicos se reclamam – *carbono, amoníaco, monera, psicoplasma, neuroplasma, prótilo/protilo, quimiotropismo erótico, polipo/pólipo, éter... –*, um levando ao outro, de modo a formar a significância de sua poesia, o que só reforça a ideia de que o *Eu* pode e deve ser lido como um único poema.

O importante é constatar que Augusto dos Anjos apreendeu que a essência do universo é a Vida, sendo a morte apenas uma etapa necessária para que se cumpra a existência em harmonia, esta, com toda a razão, chamada pelos gregos de Cosmos. A morte só tem sentido porque a Vida predomina.

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).





# Rita Lee:

## A ovelha rosa choque

A cantora Rita Lee faleceu no dia 8 de maio deste ano, em São Paulo: em livro, ela mostra que tem força e é espiritualizada, e ciente da impermanência e do instante da vida

*...E achei que nada mais tão digno de nota pudesse acontecer em minha vidinha besta. Mas é aquela velha história: enquanto a gente faz planos e acha que sabe de alguma coisa, deus dá uma risadinha sarcástica.*  
(Rita Lee)

**Ana Adelaide Peixoto**

Especial para o *Correio das Artes*

Foi num dia em que passeávamos pela cidade de Cardiff (País de Gales), primavera de maio 2023, e estávamos com o olhar iluminado por tantas paisagens exuberantes: castelos, comida orgânica, café charmoso, flores, quando já voltávamos para casa, minha irmã Bebê leu a notícia, nas mídias, da triste partida da nossa musa rosa choque – Rita Lee. Choramos todas em silêncio e, a partir daí, a toda hora cantávamos – "Um belo dia eu resolvi mudar..."

Sou daquelas fãs que cantou tudo – dos Mutantes à *Ovelha Negra*. De *Lança Perfume* e toda a embriagues dos anos 80/90. E fui vê-la no *Circo Voador* no Rio de Janeiro – anos 70/80 e quase piro de dançar, e aplaudir aquela magrela linda e irreverente dos cabelos vermelhos.

A sua primeira autobiografia, li num pulso só. Não conhecia a sua história de perto – família, drogas, amores, música e animais. Fiquei ainda mais fã daquela mulher tão importante para nós

**Rita é uma abensonhada de ter tido tanto amor assim, também, dos seus milhões de fãs. Que sintonia com o divino e o mistério da vida**



todas e de todas as formas. Depois, cantarolei é cor de rosa choque no *TV Mulher* – programa com Marília Gabriela e Marta Suplicy, TV Globo. E aplaudi Rita no *Saia Justa* (GNT), programa que assisto até hoje.

Como estava fora do país, perdi as reportagens, despedidas, homenagens pela TV, tão necessárias num momento assim. Choramos e internalizamos a dor do luto. Mas tenho acompanhado os podcasts (cinco ao todo), com os jornalistas Astrid Fontenelle e Guilherme Samora, seu admirador, editor e amigo. Sem falar nos posts do amado Roberto Carvalho. Não tem quem não se emocione com tamanho amor, família, filhos, bichos e sofrimento em conjunto.

Mas Rita é uma *abensonhada* de ter tido tanto amor assim, também, dos seus milhões de fãs. Que sintonia com o divino e o mistério da vida. Li, também, de uma sentada só, a sua *Rita Lee - Outra Autobiografia* (Globo Livros), onde narra sua luta contra o câncer e enfrentamento do seu pânico, tratamento, e o vislumbre da finitude à espreita.

Rita não poupou nada do sofrimento: o diagnóstico, o choque, o desespero, a coragem, o corpo definhando, a alma destrocada, a radioterapia, a quimioterapia, o hospital, os médicos, as enfermeiras, a careca, a magreza, os remédios e tudo o que um diagnóstico como esse – câncer de pulmão, nos revela. Mas Rita tenta transformar toda essa tragédia em algo leve, se é que é possível, com tiradas impossíveis, como só a sua irreverência permitia. E isso acalentava o leitor e fã.

Os capítulos do livro abrangem temas todos, por vezes metaforizados: O elefante, A Sininho, A Coisa, mas outras, bem reais: O Trauma, A Velhice, O Cigarro, A Radio, O Carço, A Químio, A Cadeira de Rodas, Os Remédios, ... e “Daqui para Frente”, numa alusão ao desconhecido. Tudo ilustrado com fotos mais recentes, incluindo a da máscara que usava nas sessões da radioterapia, e do Phantom, um recurso que utiliza o seu editor e amigo Guilherme Samora, como se fosse a voz de um coro do teatro



Em livro, Rita Lee narra como enfrentou suas crises de pânico, o tratamento de um câncer e o vislumbre da finitude à espreita

grego, que nas páginas funciona como nota de rodapé, opinião, ou explicação.

Como não lembrar e reviver a minha experiência pessoal com meu amado Juca, nos 59 dias internada com ele no Sírio Libanê (SP). A negação, a resiliência, a depressão, a luta, e a entrega última. E também a tirania, como diz Rita: “...estou a cada dia mais tirana, mandando e desmandando favores, comida, inalações...”. Chorei lembrando de tudo isso e por você, Rita querida.

Rita chegou aos poucos 38 quilos “Esquelética e careca, minha figura se assemelha a um palito de fósforo”; sofria de ataques de pânico terríveis e chamou o seu tumor de Jair (numa alusão ao inominável ex-presidente, e ela queria extorqui-lo, infelizmente

sabemos do seu fim, mas também desejamos que o real seja penalizado com a sua prisão).

Mas Rita tem força e é espiritualizada, e ciente da impermanência e do instante da vida. Sua rotina ela descreve: “Remédio, inalação, tapotagem, meditação, passeio no jardim, remédio, exercícios respiratórios, remédio, lanche, ...pintura...”. Mas também respirava: “Adoro quando bate em mim um estado de graça que me





FOTO: GABRIELA BRILÓ/ESTADÃO CONTEÚDO

Rita Lee no lançamento da sua primeira autobiografia, em junho de 2016, na Livraria Cultura, em São Paulo: família, drogas, amores, música e animais

faz agradecer a Deus por esses segundos de epifania e bênção existencial, uma espécie de kundalini que dura uma brisa. E rezava uma linda oração de um mestre tibetano, A Grande Inovação". Ou sentia, simplesmente: "De repente, então, bate um segundo de felicidade de estar viva e esqueço que estou doente; é um jorro de luz que me envolve por segundos. Sinto não estar só, e com rabo de olho dá para perceber a presença, mesmo que invisível, da turma da luz. Quando isso acontece, me sinto a pessoa mais feliz do mundo".

Filósofa quando teve quer ficar careca: "Ser careca é adotar diferentes hábitos, outros eus dentro de mim, uma pessoa dentro do nosso eu inferior que é a ente mesmo". E canta, quando bate a vontade de fumar: "Computador

e sem puta dor/ O vírus vai atacar/ até uma larica existencial/ Help/ Ó mãe gentil/ Help quem me pariu/ Help! Quero minha alma de volta!", ou quando fala do envelhecer: "Quando digo que me dei conta de estar velha, falo não apenas da aparência, mas principalmente da existência em si. Estou vivendo uma fase especial, cheia de perguntas, e tenho a sensação de estar grávida, de me autoparir feito cobra quando abandona a pele antiga e outra renasce ainda mais poderosa." E recita Uma pequena Oração às Mulheres: .." Pietá/ Peccata mundi/ Mater Dolorosa/... Puta non grata/ Virgem prenha/ Maria das Couves... Medusa/ Fêmea da raça/ Ela e sua vagina....Tende piedade de nós/ Filhas, mães e avós".

Emociona muito à uma pessoa

que tem medo dos bichos como eu, o amor pelos animais que Rita tinha. Escreveu: "Meu querido São Francisco", onde pede proteção aos cachorros, gatos, vacas, macacos, ratos, coelhos e todas as doces bestas. Com as plantas era a mesma coisa, fico pensando que Rita era sim um anjo. Um anjo das ovelhas e de nós todos, ovelhas negras ou não. Um anjo Roqueira e feminista sempre que aconselha às meninas a terem a sua própria voz e a ouvir os "sopros sutis das esferas" ou quando afirma que, "os culhões são frágeis e vulneráveis", quando se referia ao mercado machista da música.

E se despede: "Posso me imaginar num jardim maravilhoso rodeada de bichos e dos que partiram da minha família antiga. Ou então vou me desmanchar num microátomo, ser parte do Todo e desvendar os mistérios que tanto questionei quando estava viva. Morte deve ser o grande gozo final da vida, aonde quer que eu vá, lá estarei eu."

O fim - "Quando eu morrer, não levo nenhum abajur, só o amor dos bichos".

E com Chico Buarque eu canto: "A Rita levou meu sorriso..."

**Ana Adelaide Peixoto** é professora aposentada do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (Dlem) da UFPB. É doutora em Teoria da Literatura; colunista do jornal A União e tem dois livros publicados, 'Brincos, Pra Que Te Quero?' e 'De Paisagens e de Outras Tardes'. Mora em João Pessoa (PB).





João Batista de Brito  
brito.joaobatista2@gmail.com

imagens amadas

## Paris & livros

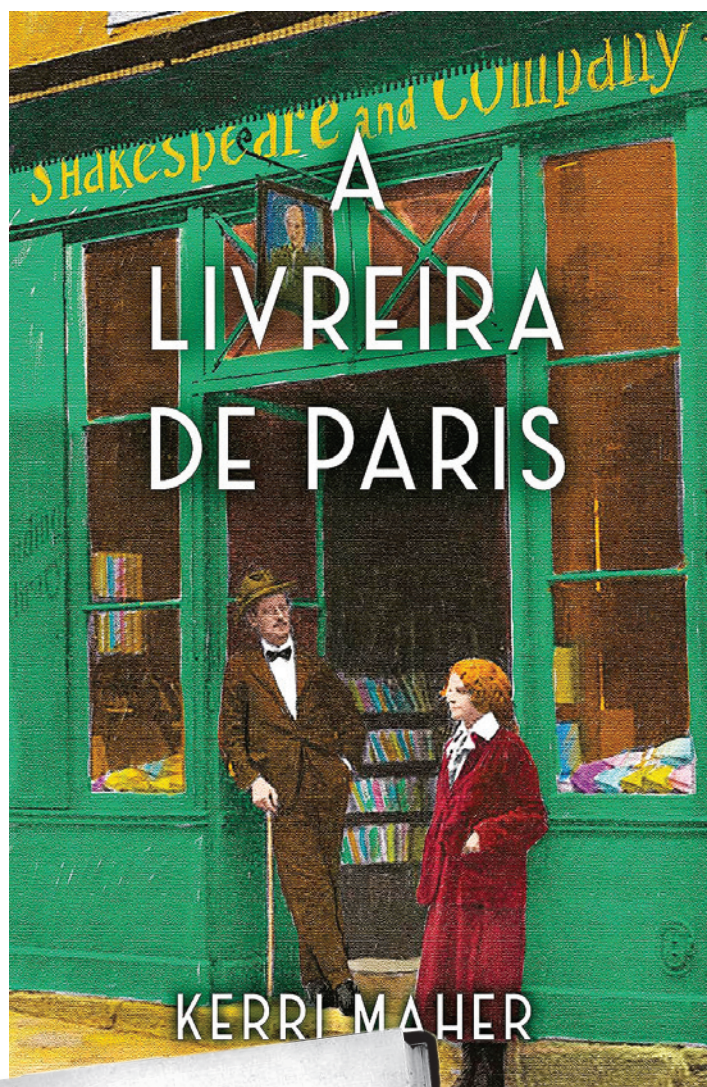
*Dedicada à querida amiga e colega  
Maria Vilani de Sousa*

Normalmente se associa o *Ulysses*, de James Joyce, à famosa Random House, sua suposta primeira editora. Mas não é o caso. Na verdade, a primeiríssima edição desse livro que revolucionou a narrativa literária do mundo ocidental foi feita por uma diminuta editorazinha de Paris, que de pomposo só tinha mesmo o nome: Shakespeare and Company.

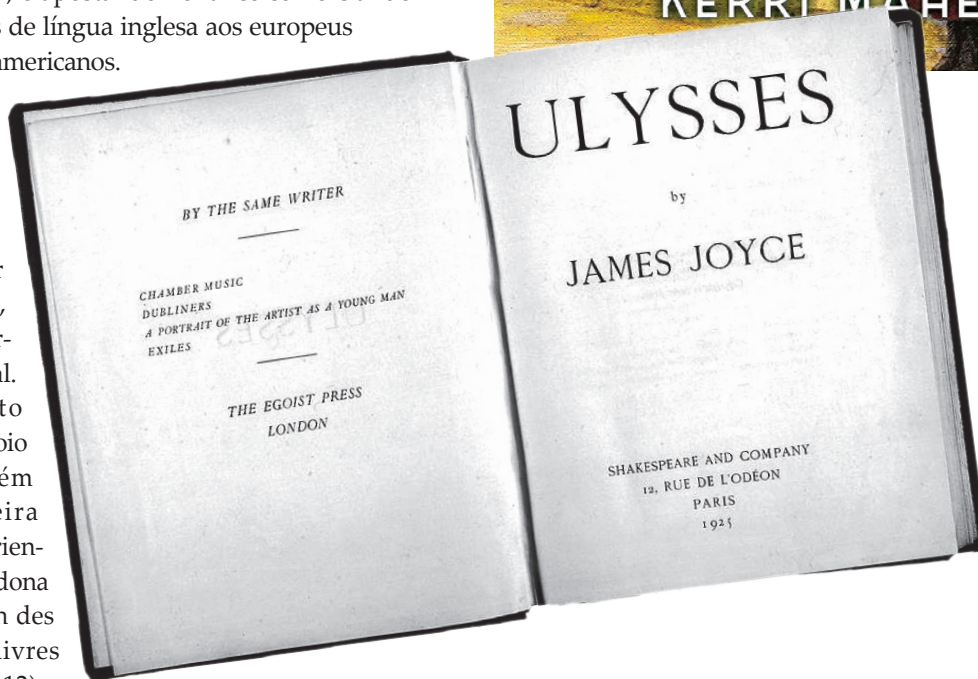
A rigor, a Shakespeare and Company nem editora era. Era, sim, uma mera livraria (rua Odeon, 7) fundada, em 1919, pela americana Sylvia Beach, uma jovem sonhadora, meio enfastiada da carece de seu país, encantada com o clima libertino e sofisticado da cidade luz, e apostando no lance comercial de vender livros de língua inglesa aos europeus e/ou turistas americanos.

E, se possível, criar um ambiente de leitura que fosse frequentado por intelectuais, escritores e artistas em geral.

O projeto encontrou apoio numa também jovem livraria francesa, Adrienne Monnier, dona de La Maison des amants des livres (rua Odeon, 12), e foi pra frente com relativa velocidade. Ocorre que Sylvia e Adrienne não se apaixonaram apenas pelo projeto: se apaixonaram entre si, e viveram um belo e *mui* produtivo caso de amor... conjuntamente erótico e bibliófilo.



IMAGENS: REPRODUÇÃO



O clássico 'Ulysses' teve sua primeira edição (ao lado) impressa pela Shakespeare and Company, editora que tem sua história contada no livro 'A livraria de Paris' (acima)



Aos poucos, os literatos – de maior ou menor prestígio – começaram a aparecer na Shakespeare and Company. O primeiro deles foi um jovem bonito que, se ainda não tinha romances publicados, era autor de um interessante livro de contos – Ernest Hemingway. Depois vieram nomes da literatura internacional, como André Gide, Paul Valéry, Jules Romains, Ezra Pound, T. S. Eliot, Scott Fitzgerald e tantos outros. Daí para Joyce dar as caras foi um pulo.

Sylvia sabia que o autor de *Dublinenses*, nos finais do seu esperado *Ulysses*, estava residindo em Paris, e ela vivia sonhando com sua presença na Shakespeare and Company. O sonho aconteceu e, com o passar das visitas, os dois ficaram amigos, e não só amigos, mas, de alguma maneira sutil, sócios. Foi então que o próprio Joyce criou a expressão que resumia a importância da livraria na cidade e no mundo: “Stratford-upon-Odeon”, um trocadilho que juntava o nome da cidade natal de Shakespeare, Stratford-upon-Avon, e o nome da rua da livraria, Odeon.

Uma figura importante que demorou a aparecer foi a escritora e animadora cultural Gertrude Stein, e mesmo assim nunca foi assídua, pois antipatizava ostensivamente com a pessoa de Joyce e toda a sua obra. Tanto quanto o dramaturgo - irlandês como Joyce - George Bernard Shaw, que um dia, depois do livro publicado, escreveria: “Um registro revoltante de uma fase nojenta da civilização”.

Enfim, sem dar bolas a Stein ou Shaw, logo Sylvia passou a ajudar pessoalmente Joyce a terminar de compor sua obra, auxiliando no cansativo trabalho de revisão, que era feito por ela mesma, ou por pessoas que ela, e não ele, contratava, geralmente amigos ou amigas de confiança.

Essa etapa final da composição do livro foi penosa, cheia de percalços e retrocessos. Para dar um só exemplo: certa vez, um monte de páginas dos originais foi simplesmente queimado pelo marido moralista de uma das revisoras, amiga de Sylvia. É que o marido da revisora, por acaso, leu o texto, achou pornográfico o que leu, e não teve dúvidas: levou ao fogo. Por sorte, Joyce também havia enviado cópias de capítulos do livro ao editor de uma revista americana, e assim Sylvia pôde comprar de volta uma cópia do capítulo queimado.

Outro entrave na época foi a doen-

ça de Joyce, um glaucoma avançado que lhe provocava dores lancinantes nos olhos, só aliviadas por um oftalmologista estrangeiro providenciado, como sempre, pela dedicada Sylvia. E as mazelas de Joyce não eram só essas: uma esposa inculta e indiferente ao seu trabalho e a seu talento, que terminou abandonando-o na fase em que mais precisava. Esposa por quem o escritor era apaixonado, tanto que a reconciliação tempos depois aconteceria.

E ainda houve toda uma querela sobre os problemas com a pirataria do livro, cometida nos Estados Unidos, que terminaria, mais tarde, criando um mal-estar jurídico e pessoal entre a leitora/editora apaixonada e o escritor. Só reconciliados anos mais tarde, quando Joyce finalmente recebeu o cheque da Random House e, ao invés de gastá-lo, repassou a Sylvia.

Tudo isso, e muito mais está contado num livro delicioso *A Livraria de Paris*, de Kerri Maher (Rio de Janeiro, intrínseca, 2023) que acaba de ser lançado no Brasil – um livro não apenas para joycianos, mas para bibliófilos em geral. Em tom assumido de biografia ficcionalizada, ou ficção biográfica, o livro foca o período de 1921 a 1936, justamente aquele que recobre duas coisas conjuntas e paralelas: um caso de amor (Sylvia e Adrienne) e uma paixão literária (Sylvia e Joyce), relações iniciadas mais ou menos no mesmo tempo, no ano de 1919.

O leitor vai gostar de saber, por exemplo, da brincadeira favorita de Sylvia e Joyce, que consistia em vagar pelas redondezas do Quartier Latin, procurando, entre os habitantes locais, ou os passantes, pessoas parecidas com os personagens de *Ulysses*. “Lá vai Molly”, “Aquele lá é Leopold Bloom”, “Stephen Dedalus vem por ali...”

Muitas páginas são, naturalmente, dedicadas à vida particular de Sylvia: seu caso amoroso com Adrienne, nem sempre tranquilo; suas relações com um pai pastor evangélico e uma mãe liberal e frustrada dentro de um casamento falido; seus entendimentos e desencontros com a irmã Cyprian que, sendo atriz do cinema mudo, estava mais interessada em show business que em literatura.

Mas o centro da história é mesmo a livraria e seus frequentadores, e não apenas Joyce. Como se sabe, a livraria da rua Odeon, 7 (hoje um edifício qual-quer) fez história literária em vários sen-

tidos, do mais privado ao mais público. Fechou em 1941, sintomaticamente no meio da Segunda Guerra, com Paris tomada pelos nazistas.

Uma cena memorável, reconstituída no livro, foi a celebração do prêmio “Legião de Honra”, recebido pela livraria em 6 de junho de 1936, evento pomposo a que até o casal Sartre e Simone compareceu. Nessa ocasião solene, entre coquetéis, salgadinhos e um público seletivo, o poeta T. S. Eliot (que um dia, admirado da genialidade de *Ulysses*, se indagara: “Para onde vai a literatura daqui pra frente?”) recita o seu belo “The Waste Land”, com dedicação ao amigo Ezra Pound, “il miglior fabbro”. Lembrete? “April is the cruellest month...” (‘April é o mais cruel dos meses...’)

Se me for permitido devanear um pouco, esse livro me conduziu à única vez em que estive em Paris. Foi no final dos anos 1980, e tive a sorte de ficar em lugar estratégico. O “Hotel des Étrangers”, baratinho, estava situado no famoso Quartier Latin, não muito longe da rua Odeon. Passeando em torno, eu podia ver os alunos da Sorbonne estirados nos gramados do Jardin de Luxembourg. Uma caminhada pelo boulevard Saint Michel me levava, em menos de dez minutos, direto ao Sena, e, claro, à Notre Dame. Mas antes de atravessar a ponte para a Ile de France, numa ruela estreitinha à direita, estava, sim, a livraria Shakespeare and Company.

Tudo bem, não era a original, aquela da livraria Sylvia Beach; não era a frequentada pela “lost generation”, e muito menos por James Joyce, mas também acolheu – sei disso hoje – gênios literários como Anaïs Nin e James Baldwin. Nem sequer ficava no mesmo lugar da original, mas tinha – em homenagem - seu nome e evocava o seu charme.

E isso me bastava, a mim, professor de literatura inglesa e turista acidental.

**João Batista de Brito** é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).



# Casar com homem bonito dá nisso

Luiz Augusto de Paiva  
Especial para o *Correio das Artes*



*Se eu vou a uma festa sozinha  
Procurando esquecer o meu bem  
Nunca falta uma engraçadinha  
Perguntando ele hoje não vem*

Lupicínio Rodrigues

Meu nome é Dolores, Maria Dolores. Para as amigas, apenas Dolô. Aliás, de amigas estou por aqui. Uma decepção atrás da outra. Não sei em quem mais confiar. Minha sorte ou sei lá, talvez seja uma urucubaca mesmo, é ter me casado com homem bonito. Bonito? Bota bonito nisso. João Augusto é tudo de que se pode querer de um homem, pelo menos fisicamente, porque em se falando da fidelidade que se espera de alguém com quem vai dividir casa, ele é um verdadeiro mala sem alça.

Está fazendo um pouco mais de três anos que me casei com João Augusto. Conheci essa criatura quando entramos juntos para o curso de Direito, no mesmo turno,



na mesma sala. Havia um equilíbrio de gênero nessa turma, metade de homens e nós mulheres preenchendo a outra metade. Éramos criaturas absolutamente normais, algumas bonitas, outras nem tanto. Estou falando dos meninos e das meninas. Exceção era João Augusto, bonito de morrer.

Desde o primeiro dia de aula foi um alvoroço, quando apareceu aquele deus grego vindo lá de Floripa. Os rapazes nem se incomodaram tanto, pois João Augusto era além de tudo muito simpático, gostava de um chiste, fazia amizade fácil. Logo se entrosou com a rapaziada. Ficou amigo de todo mundo.

No primeiro dia, aula de Introdução e lá estava João Augusto, arguindo, contestando, era o centro das atenções. Foi assim do começo ao fim do curso. Em dia de prova, todo mundo queria se sentar nas cercanias dele. Não se incomodava de passar cola aos colegas. Salvou muita gente de pegar dependência em Constitucional. Doutora Carmem, titular da cadeira, era uma jararaca; ser aprovado na disciplina dela não era fácil. Até essa peçonhenta arrastava a asinha para o lado de João Augusto, mas também quem não arrastava. Nosso professor de Civil, meio barro, meio tijolo, também.

Muito cordato, educado, João Augusto não dava mole para nós, as colegas de curso. Uma vez, num churrasco da turma, eu e as meninas fizemos um bolão para ver quem conseguia ficar com ele. Não teve jeito, nosso desejado apareceu com uma loira daquelas de levantar defunto. Linda e ele todo cheio de chamego em cima dela. Foi um balde de água fria. Tempos depois descobrimos que a loira era moça de programa. João Augusto deve ter feito aquilo só para dar um freio em nossas investidas.

E vejam como João Augusto era ardisso, dissimulado. Fazia-se de desentendido só para armar seus botes. No fundo ele queria mesmo era passar o rodo, como se diz por aí. Aquele jeito respeitoso de quem não aceita assédio era conversa para boi dormir. Ou seja, era o maior come-quieto que já ouvi falar, um danado.

A primeira vítima foi Raquel. Vítima? Ela? Nesse caso, acho que a vítima foi João Augusto, porque Raquel saiu contando para todo mundo que tinha dado para ele. Ele por sua vez fazia-se de leso e não comentava a respeito. Depois foi Ana Lúcia. Aninha tentou ser discreta, mas depois que descobriu que ele não queria compromisso, começou a chorar

pelos cantos até que um dia abriu o bico e todo mundo ficou sabendo.

A terceira, pelo menos ao que me consta, foi Selminha. Essa ficou na dela. Só muito tempo depois foi que descobrimos que a pegada durou bem uns três meses. Detalhe: Selminha era noiva. Safadinha que só.

Já devem estar perguntando: e você, Dolores? Calma! Antes de mim teve a Cida, Isadora, Norminha, Rosilda, pelo menos as que eu sei. Ia me esquecendo da Goreti que era a mais safada de todas. Doutora Carmem, dizem que rolou, mas ninguém prova. João Augusto me jurou que nunca. Dá para acreditar?

Estou contando isso para que entendam onde é que eu fui amarrar meu cavalo. Podia não dar certo. Quando a gente toma uma decisão, tem que pensar nas consequências. Eu não pensei. Meu pai já dizia: Passarinho que come pedra, sabe a croaca que tem. Esse dito é meio jocoso, mas nunca vi algo tão verdadeiro.

Voltando a esse tempo de faculdade, eu estava mais focada em terminar meu curso. Já no finalzinho é que rolou a história. Ele era presidente da comissão de formatura e escolhido orador da turma. Convites, baile, colação de grau, aula da saudade, tudo na responsabilidade dele. No dia de tirarmos a fotografia para álbum, fiz maquiagem, mecha no cabelo e estava eu lá toda pimpona de beca, borda e capelo para tirar a chapa quando ele apareceu todo cerimonioso à minha frente e foi dizendo: A senhorita está muito bonita. Obrigado, são seus olhos, respondi. Tudo podia ter acabado aí, mas me bateu algo estranho. Se me permitirem, serei muito sincera, não quero constranger quem se deu ao trabalho de ler este meu depoimento, mas o que passou pela minha cabeça naquela hora, foi o seguinte: Vou dar para esse cara. Então resolvi ali comigo: vou aplicar um freio de arrumação nele, pensei. Como se diz, vou chegar junto. Como fiz? Bem, antes é razoável entender o seguinte: ainda não fiz essa colocação aqui, mas sempre fui bonita. Não era a mais bonita da turma, mas que era bonita, era. Tinha cacife para encarar a empreitada.

Quando terminamos as fotografias, chamei João Augusto para um particular e perguntei se ele não podia me dar uma carona até em casa. Claro que sim, senhorita, é só aguardar um pouquinho que a gente vai, respondeu ele. Aguardei aquele tal de “pouquinho” e o “senhorita” me soou como uma falsa formalidade. Não demorou quase

nada minha espera. A carona não ia gastar muito tempo já que dali até em casa, não dava cinco minutos. Estava me esquecendo de contar, meus pais e minha irmã Cíntia estavam viajando, o que dava uma bela ajuda para os meus planos. No caminho conversamos o trivial, como o tempo passa depressa, parece que foi ontem que começamos o curso e outras coisas assim. Quando estávamos chegando perguntei se ele não queria entrar. Vi que ele ficou meio surpreso, então eu disse: quero mostrar uma coisa para você, uma surpresa. Surpresa? Ele perguntou. Sim, só posso dizer que é um brinquedo, confirmei. Um brinquedo? Ele ficou curioso. Um brinquedo de fazer menino! Quando eu disse isso ele ficou perplexo. Perplexo e animado. Perguntou: tem certeza, Dolores? Tenho sim, quero dar um trato daqueles em você para ver se essa fama toda tem procedimento. Ele riu e depois disse: Deixa comigo, senhorita.

Não era a primeira vez que eu ia com um homem para a cama. Comecei com Waldemar (olha só o nome da figura) numa excursão do colégio para Porto Seguro. Também era meu colega de sala. Sabem disso, não é? Excursão de escola para Porto Seguro, ninguém sai de lá como chegou. Quem vai, vai pensando “naquilo”. O meu primeiro “naquilo” nem foi lá essas coisas. Tínhamos cheirado lança perfume e aconteceu à noite numa construção, um predinho que estava sendo reformado. Entramos, e aconteceu comigo encostada numa pilha de tijolos. Não poderia mesmo ter sido lá essas coisas. No outro dia eu e Waldemar reprisamos no mesmo local e horário. Tivemos que nos adaptar porque os tijolos não estavam mais lá e me ajeitei sobre três sacos de cimento. Mas enfim, ficamos por quase uma semana no segmento da construção civil. De volta à nossa cidade e às aulas, procedemos como nada daquilo tivesse acontecido. Depois do Waldemar foi o Franciswaldo. Eu não dava mesmo sorte com nomes. Fran queria me namorar firme. Eu só queria namorico, sem compromisso. Eu tinha só dezessete anos e mais ainda, eu não tinha coragem de apresentar lá em casa um namorado com o nome de Franciswaldo. Fiquei com ele uns quatro meses e cá entra nós o bichinho era ruim de cama, tipo coelho, bem rapidinho, sem a sedução do antes, nem o conforto do depois.

No cursinho conheci Davi que era professor de química. Lindão, solteiro



e muito atencioso. Naquelas de tirar alguma dúvida, fui chegando bem pertinho. Encostava meus seios nos braços dele toda vez que ia sanar uma eventual dificuldade, sempre cheirosa e um botão a menos no decote. Ele de início, fazia-se de desentendido, mas percebia que eu não tinha dificuldades na disciplina dele. Com o tempo foi fraquejando. Nas aulas eu não tirava os olhos dele e quando percebia que ele me olhava, cruzava as pernas e abria um pouquinho o decote. Ele respirava fundo e demorava para retomar as explicações. Até que um dia peguei pesado, na saída do cursinho. Esperei em frente a sala dos professores. Ao sair ele percebeu minha presença e foi logo perguntando: alguma dúvida, Dolores? Eu disse que não e perguntei se ele dava aulas particulares. Ele estranhou porque eu entendia química muito bem e tirar dúvidas era um pretexto para chegar perto dele. Chegar perto? O que eu gostava mesmo era me encostar nele, sentir que ele se arrepiava. Não entendo Dolores, você tem notas excelentes nos simulados, não precisa dessas aulas suplementares, disse ele se fazendo de inocente, mas sabia das minhas intenções. Foi quando resolvi dar meu cheque-mate e tasquei a seguinte pergunta: Professor Davi, o senhor tem vontade de me comer? Ele se assustou e rebateu: Como, menina? Tive que apertar o nó e perguntei: Como? Como? Isso mesmo professor eu tiro sua roupa, o senhor tira a minha e depois deixa comigo. Pareceu que o cérebro dele entrou em entropia, suou e então o tranquilizei: Sei guardar segredos, sei que está querendo, não está? Ele estava e duas horas depois nós dois debaixo dos chuveiros no "Cê Ki Sabe", um motelzinho de terceira linha, mas que serviu bem aos nossos propósitos. Professor Davi, era bom de serviço, sabia conduzir com delicadeza o antes, o durante e o depois, e que "durante"! Durou bons cinco meses essa nossa safadeza. Um dia ele falou que iríamos parar por ali porque ia ficar noivo. Entendi, desejei boa sorte. Também estava perdendo meu entusiasmo. Então, minhas experiências com homens foram essas. Nunca tive um namoro convencional. Depois disso, só João Augusto no último ano de faculdade.

Vamos voltar ao João Augusto. Levei aquela coisa linda para minha casa. Ele entrou de mãos dadas comigo, mas todo cauteloso. Dei um beijo naquela boca e senti o hálito de safadeza que ela tinha. Uma delícia. Pedi que ele se sentasse no



sofá. Fui buscar uma garrafa de vinho, mostrei o rótulo para ele e perguntei: Gosta de "Periquita"? Gosto, ele respondeu. Aí eu disse: estou falando do vinho, da outra eu sei que você gosta. Ele riu com esse meu chiste. Quando acabamos de tomar a garrafa todinha estávamos os dois nus. Esbaldei-me naquele homem. Começamos no sofá da sala, depois na minha cama e terminamos nos chuveiros. Fizemos de tudo. Minha amiga aí que está lendo sabe o que eu quis dizer com esse "tudo". Pois foi assim. E assim fomos nos dias seguintes. Esgotei aquele homem. Até que chegou o dia da formatura e vejam o que aconteceu na colação de grau:

João Augusto era o orador da turma. Foi ao púlpito com uma maçaroca de papéis nas mãos. Começou seu discurso conforme recomendava o protocolo, cumprimentando as autoridades, os professores, o reitor, o paraninfo, o patrono, os colegas e os convidados. Depois relembrou os anos ali passados, as dificuldades e o encantamento com o saber jurídico que os mestres despertaram

nele. Lembrou que no último semestre todos os que haviam feito o exame da Ordem haviam sido aprovados, o que mostrava a qualidade do ensino que havíamos recebido. Foi muito aplaudido nessa hora. Depois prometeu solenemente levar a justiça aos excluídos, aos injustiçados e sentia que como profissional se via na obrigação de lutar por um país melhor, mais justo e mais cheio de esperança. Muito aplaudido novamente. Então veio a minha surpresa. Vou tentar reproduzir o que ele disse e o que aconteceu. Vejam só:

Neste momento quero com vênha de todos, pedir que venha até aqui ao meu lado a nossa colega Dolores (disse meu nome completo). Por favor, Dolores, venha. Sem entender o que ocorria e muito constrangida, fui. Fiquei aqui bem ao meu lado, pediu ele. Fiquei ao lado dele, então ele continuou se dirigindo a mim. Dolores, hoje sou um homem cheio de sonhos, quero ser um bom advogado. Preciso construir uma biografia para que esses nossos professores venham a se orgulhar de mim. De mim



e de você. Vai ser um longo e pedregoso caminho à nossa frente. Para que eu saia vitorioso dessa empreitada, quero com o testemunho de todos...Adivinhem o que aconteceu. Ele se ajoelhou à minha frente, diante de toda aquela gente, como uma caixinha de veludo numa mão e o microfone na outra disse para que todos ouvissem: Dolores, estou aqui humildemente pedindo você em casamento. Quero que seja minha companheira nessa jornada. Você aceita?

Tomei o microfone da mão dele e disse: claro que sim. Ali diante de todos e sob o aplauso de toda aquela gente demos um longo e apaixonado beijo. Sim, ficará comigo e para sempre (pelo menos era o que eu esperava) o objeto de desejo de toda aquela mulherada. Ao retornarmos junto aos formandos para o instante do juramento, fomos de mãos dadas, quando pude ver a cara de Raquel, Ana Lúcia, Selminha, Goreti, Cida, Isadora, Norminha, Rosilda e até de doutora Carmem, todas muito surpresas e me olhavam com aquela cara de espanto fazendo o tipo “como é que você conseguiu?”. Deu uma vontade de chamar uma por uma e dizer: minha filha, eu fiz de tudo. E depois sair rindo a mais sonora das gargalhadas.

Casamos dois meses depois. Meu pai deu um festão. Ele gostou de João Augusto. Convidei muita gente, ele também convidou. Convidei até “as meninas”, mas delas, só Ana Lúcia veio. Foi no dia do casamento que conheci os pais dele que vieram de Florianópolis. O pai, a mãe, o irmão (dois anos mais novo e lindo como ele), uns tios e uns amigos da família. Simpatizaram-se comigo, pelo menos foi o que pareceu. O pai de João Augusto era bem de vida, tinha uma construtora e devem me perguntar: o que esse rapaz veio fazer tão longe de casa? O clima, dizia ele, gosto muito de praia. E Floripa não tem praia? Perguntávamos. Mas aqui dá praia o ano todo, lá não dá para entrar na água nos tempos de frio.

Fomos passar a lua de mel em Itamaracá. Uma semana. Pouca praia e muita cama. Qual a mulher com João Augusto do lado ia querer praia nessas situações? Praia só quando ele pedia tregua para recompor as energias. Umhas doze horas de bandeira branca e depois o armistício cessava e retomávamos os combates.

Bem, e o trabalho? Meu sogro montou um escritório para nós, no prédio comercial mais caro da cidade. Pagou à vista, mobiliou, colocou computadores

em rede, tudo o que precisávamos para dar início à nossa vida profissional. E ainda disse, se vocês forem bem sucedidos e felizes, considero pagas essas despesas. Os clientes foram chegando e nos dedicamos ao Direito de Família e o Trabalhista. O que não falta é casal se separando, briga pela guarda dos filhos e gente demitida do trabalho. Os clientes foram aparecendo, tivemos sucesso em muitas causas e em menos de um ano tínhamos uma boa carteira de clientes. Foi quando me engravei de Joãozinho. Antes disso...

Depois que nos casamos, todo domingo que não chovia, íamos à praia, sempre a mesma, e também a mesma barraquinha, a do Seu Wanderlei e de Dona Matilde. Suco de abacaxi com hortelã para preparar o organismo, depois as cervejas na temperatura ideal, caranguejo no coco, mais tarde almoçávamos uma cioba frita e lá pelas duas ou três da tarde voltávamos para nosso apartamento. Nesses domingos de praia, fui observando algumas coisas. Como já disse, sou uma mulher bonita, sem exageros, mas sou. Era natural que na praia, de biquíni, alguns homens me olhassem. Fazia-me de desentendida e não dava corda. Mas com João Augusto era diferente, as mulheres não tiravam o olho, estivessem acompanhadas ou não. Quando as circunstâncias permitiam, ele dava suas encaradas, retribuía algum sorriso, como se eu não estivesse percebendo. Não gostava daquilo, mas relevava e fazia de conta que não via.

No escritório tínhamos um acerto. Eu ficava enquanto ele ia às audiências. Raramente era eu. O problema estava aí. Algumas clientes davam em cima dele, clientes e até advogada da outra parte. Sempre cheiroso, elegante, vestindo ternos feitos sobre medida (ele não comprava roupa pronta) e lindo daquele jeito o que eu podia esperar? O problema é que ele começou a colocar as asinhas de fora, as asinhas e pelo que sei, outras coisas também. Aí eu tive que tomar alguma atitude depois de receber uns recados sem o nome dos remetentes. Num jantar cheguei junto: Jo-ão Au-gus-to! Você está me traindo? Que pergunta? Acho que eu seria capaz de algo assim? Trair você, nunca!

Que cara de pau! Mas não me dei por vencida: João Augusto, olha nos meus olhos e diz que não. Ele olhou nos meus olhos e foi contundente: Já disse que NÃO! Você é a mulher da minha vida. Será que não entende? Depois abriu aquele

sorriso mais lindo do mundo e foi tirando a minha roupa. Quase me convenceu, quase.

Assim fomos levando a vida, eu na cola, vigiando e ele escapando. As audiências cada vez demorando mais. Tinha certeza que ele estava dando umas rapidinhas quando chegava alegando dor na coluna. Olha, Dolô, nem consigo me mexer. Ia para casa comigo reclamando do desconforto, nem pedia para jantar, tomava um analgésico e caía no sono. No outro dia acordava todo faceiro, fazia seu desjejum, escovava os dentes, me beijava e dizia, vem meu amor, vamos dar um tapa na macaca. Achava engraçadas essas metáforas de João Augusto, dar um tapa na macaca, bater na perseguida, afogar o ganso e tantas outras. Dentre outras coisas, devo admitir, João Augusto era divertido. Nessas horas eu não resistia, me entregava toda e fosse o que Deus quisesse.

Quando contei que estava grávida nem imaginam a festa que ele fez. Abraçou-me, beijou-me e com os olhos cheios de lágrimas, agradeceu a Deus por ter me colocado na vida dele. Pensei comigo, agora ele apaga o facho. Que nada. Era toda atenção comigo, mas quando podia dar uma escapadela, não perdia a oportunidade. Eu acabava sabendo, sempre havia alguém para me contar, não por alguma solidariedade comigo, mas sim para ver circo pegar fogo.

Ao lado do nosso escritório ficava o de Guiomar que era contadora. Quando sobrava um tempinho no final de tarde, eu a convidava para um chá, e por essas delicadezas de minha parte, fomos fazendo amizade, ou quase isso. Conversa vai, conversa vem, fomos revelando nossas intimidades, até que um dia contei minhas preocupações em relação a João Augusto. Eu a essa altura com um barrigão de sete meses. Guiomar achou um absurdo eu aceitar uma coisa dessas. Se eu souber que Carlos Alberto saiu com alguma sirigaita, mando o pé nos traseiros dele, disse Guiomar e ainda concluiu: Não sei como você se sujeita a esse constrangimento. Bem, dias depois conheci o Carlos Alberto. Que horror! Primeiro eu não casaria com uma coisa daquelas, feio de doer. Segundo, e se me casasse com aquilo, bastava ele fazer xixi fora do vaso que eu metia o pé na bunda do infeliz. Querer comparar Carlos Alberto com João Augusto era só o que me faltava. Nunca mais falei dessas coisas com Guiomar.

Assim que completei oito meses de gravidez, combinamos de eu me afastar um tempo. Contratamos uma estagiá-



ria para ir adiantando alguma coisa, mas o pesado eu dava conta em casa e continuei fazendo depois que Joãozinho nasceu. A mãe de João Augusto ficou conosco quase umas dez semanas, sempre muito gentil, Nesse período, seis da tarde eu via meu marido chegando cheio de mimos comigo e com Joãozinho. Foram três meses de resguardo. Voltei ao escritório quando completou esse período. Dez da manhã e três da tarde eu dava um pulinho em casa para amamentar. Resolvemos continuar com a estagiária, Giselane.

Gostei dela, estava noiva, com casamento marcado, aliança no dedo e montando apartamento para casar com Danilo, um rapagão de boa presença que acabara de se formar em engenharia. Pensava comigo, essa João Augusto não vai comer. Muito tempo depois do casamento dela fui saber que Giselane também não escapou. Essa e outras

Foram tantas as peripécias até que um dia tomei uma atitude: pus João Augusto para fora de casa. Era fim de ano, Joãozinho já gatinhando. Dias depois, festa do condomínio lá do prédio onde moro. O maior churrasco com comes e bebes, cada vizinha que aparecia para me cumprimentar, perguntava pelo meu marido. Cadê João Augusto? E ele, não vem? Aí vinha a dúvida na minha cabeça: Será que essa ele comeu também? Tinha virado paranóia.

No escritório éramos muito formais, como sócios em que o único vínculo eram aqueles estabelecidos pela Associação Comercial. Foi para um flat. Dia de Santo Reis ele apareceu com um buquê de rosas no escritório, pediu para Giselane sair por uns minutos e me disse: Não posso viver sem você. Eu também não podia viver sem ele.

Quando faço esse relato, não posso negar que amo João Augusto, e por



incrível que pareça sou forçada a dizer que ele me ama. Do jeito dele, mas ama. Dias depois que reatamos, na cama entre lençóis e lágrimas perguntei a ele: Por que você faz isso comigo? Então ele disse: Amo você, adoro Joãozinho, mas isso é mais forte do que se possa imaginar. Quando faço, me arrependo, dois dias depois a vontade volta. Eu nunca procurei, elas que me procuram, não foi assim com você?

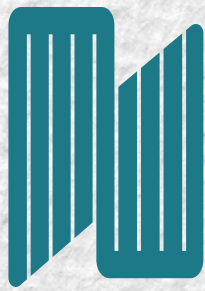
O pior é que tinha sido mesmo. Dei-

xar aquele homem eu não ia. Mudar o jeito de ser, impossível. Então achei melhor deixar quieto. Teria de aprender a conviver com isso. Quem me mandou casar com um homem bonito daquele jeito?

É isso minha amiga, melhor dividir minha goiabada com umas e outras do que comer "aquelas coisas" sozinha. Perguntem à Guiomar.

**Luiz Augusto Paiva** tem formação em matemática, é escritor com livros publicados de contos e crônicas. Participou e organizou diversas Antologias. Escreve para o jornal A União e colabora eventualmente colabora com o Correio da Artes. Atualmente é presidente da União Brasileira de Escritores – Seção da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)





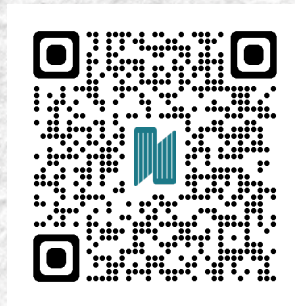
Livraria

# A UNIÃO

Casa da literatura paraibana

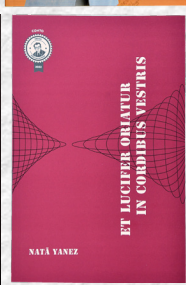
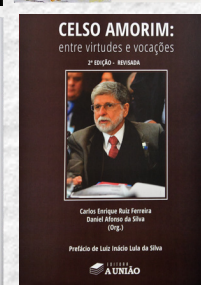
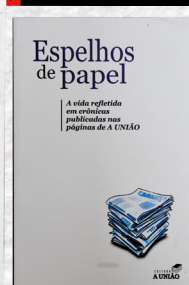
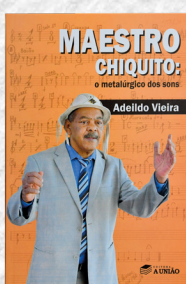
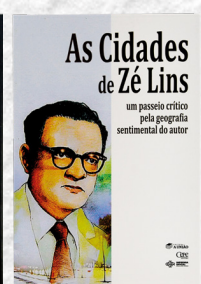
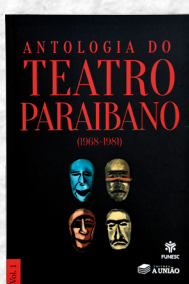
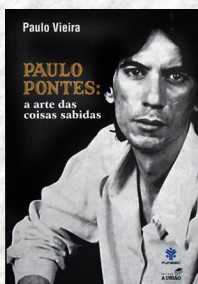
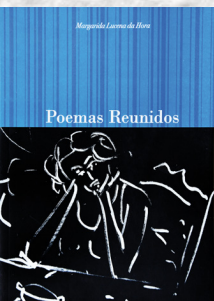
A casa da literatura paraibana chega, também, na sua!  
Acesse a Livraria A União e receba literatura, jornalismo,  
poesia, crônica, contos. A literatura da Paraíba disponível  
a um clique!

Acesse:



[www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc\\_livraria/loja/](http://www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/)

marketing epc



GOVERNO DA PARAÍBA





transformando vidas  
pela música

Escola de  
Música Sesc  
Dom Ulrico

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac